NA OUTRA MARGEM DE ALCÁCER QUIBIR

A GUERRA DOS SÁDIDAS, 1546-1613

ON THE OPPOSITE BANK OF KSAR EL-KEBIR

THE SAADI WARS, 1546-1613

LUÍS COSTA E SOUSA
CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores

Os escritos dos viajantes europeus no Marrocos do século XVI são uma fonte particularmente rica, mas a *Descripción* de Jorge de Henin destaca-se como um documento verdadeiramente excepcional pela forma como se articula com outros cronistas cristãos. Henin refere o resgate de António de Saldanha, autor da *Crónica de Almaçor*, e o seu texto articula-se com a *Relación* de Diego de Torres e a *Descriptión* de Mármol Carvajal, não só pelos temas abordados, mas também cronológica e geograficamente. Torres e Henin foram também a*lfaqueques* ao serviço da coroa portuguesa – curiosa coincidência, ou não – e como se esta complementaridade não fosse, por si só, facto notável e fulcral para uma análise comparativa alargada, a *Descripción* inclui iconografia, verdadeira raridade na cronística da época. Fico, portanto, devedor da generosidade do Rui Loureiro e diligência do Luís Falcão Fonseca, tanto mais que finalmente será possível ensaiar a articulação entre as representações gráficas e descrições textuais servindo-me de material praticamente inédito. Este pequeno estudo pretende ser um ponto de partida, construído a partir dos textos de Henin, António de Saldanha, Juan Baptista, Mármol de Carvajal e Diego de Torres. Outra fonte de primeira água é o tratado de Marsigli *L'Etat Militaire de l'Empire Ottoman* (1732), fora desta cronologia, mas que consiste numa fonte incontornável para texto e iconografia.

BREVE PANORÂMICA SOBRE A "ESCOLA MILITAR" OTOMANA

O Mediterrâneo foi um dos palcos onde se desenrolou o confronto directo entre os dois grandes impérios do século XVI, a Espanha a Turquia. O controlo espanhol, que chegou a estender-se até Tripoli, recuou substancialmente; por meados do século Orão era o posto mais oriental, e nem a vitória de Lepanto (1571) ou a reconquista de Tunes (1573) lograram inverter a situação. Na periferia deste espaço, a presença portuguesa seguiu um percurso similar: de uma primeira fase

The writings of European travellers who journeyed to Morocco in the 16th century are a particularly rich source altogether but the *Descripción* by Jorge de Henin stands out as a truly exceptional document in view of how he combines with other Christian chroniclers. Henin mentions the ransom of António de Saldanha, the author of the *Crónica de Almaçor*, and his text combines with the *Relación* by Diego de Torres and the *Descriptión* by Mármol Carvajal, not just in terms of the addressed subjects but in geographical and chronological terms as well. Torres and Henin were also *alfaqueques* (redeemers) in the service of the Portuguese Crown, a curious – or perhaps not so curious – coincidence. Moreover, and as if this complementarity wasn't of itself a remarkable and critical fact for a comprehensive comparative analysis, the *Descripción* includes iconography, a true rarity among 16th-century chronicles. Thus, I owe Rui Loureiro for his generosity and Luís Falcão Fonseca for his diligence, and even more so because it will finally be possible to essay an approach that combines graphic representations and textual descriptions, using virtually unpublished material. This paper is meant to be a starting point, based upon texts by Henin, António de Saldanha, Juan Baptista, Mármol de Carvajal and Diego de Torres. Another first class source is Marsigli's treaty *L'Etat Militaire de l'Empire Ottoman* (1732), a chronological outlier but nevertheless an essential source both in terms of text and iconography.

A SHORT OVERVIEW OF THE OTTOMAN "MILITARY SCHOOL"

The Mediterranean was one of the scenarios where the direct confrontation between the two great empires of the 16th century, Spain and Turkey, took place. Spanish control of the region, which had reached out as far as Tripoli, was substantially reduced. By the middle of the century Oran was Spain's easternmost possession and not even the Lepanto victory (1571) or the reconquest of Tunis (1573) managed to reverse the situation. On

expansionista na primeira década, passou-se a uma situação defensiva, que a partir da segunda metade do século iria resumir-se à posse de Ceuta, Tânger e Mazagão.

O confronto entre Portugal e Marrocos foi contínuo, e fez-se maioritáriamente de emboscadas e escaramuças. Outro tipo de confrontos ocorreu, cercos e batalhas campais, exigindo uma organização militar com cariz regular. É neste contexto que se tem analisado a crescente influência dos otomanos sobre as instituições militares sádidas, nomeadamente pelas investigações pioneiras de Dziubinsky e Cook Jr..

Os otomanos estabeleceram as bases do seu poder militar ao longo de mais de um século, que se convencionou ter decorrido entre 1300 e 1453, e desenvolveu-se em torno em três grandes grupos: os voluntários irregulares *akinci*, que serviam a troco de uma parte do saque; os *timariots*, obrigados a servir em troca de atribuição fundiária, o *timar*[1]; e as tropas palacianas, também designadas por *kapu kulu*[2], ou seja, os servidores do palácio. Estes últimos eram recrutados pelo *devshirme*[3], sistema introduzido por Murad I (1362-89) e Bayezid I (1389-1402)[4], e compreendiam ainda os cavaleiros melhor equipados, os *sipahi*, e os artilheiros.

O APARELHO MILITAR SÁDIDA

Os otomanos conseguiram estabelcer-se, ou impor a sua influência até Argel, naturalmente combatida a partir dos lugares de ocupação espanhola que aproveitaram a extensa linha de comunicações terrestre e marítima. No extremo mais ocidental, os soberanos oatássidas e depois os sádidas, tiraram partido da complexa situação política e militar par defender, com êxito, a sua autonomia. O facto de a autoridade da *Porta* ser contestada pelos soberanos do actual reino de Marrocos, tem levado a supor que a *otomanização* da sociedade – e em especial da máquina militar – não terá ocorrido senão em época tardia, por volta de 1576. Foi nesta altura que ocorreu uma guerra de sucessão cujas raízes recuam ao assassinato de Muhammad Shaiq (1555-7) por um dos seus guardas turcos. Sucedeu-lhe o filho Abdallah al-Ghalib, que ordenou o assassinato de todos os parentes que pudessem reclamar o trono, mas os três irmãos conseguiram escapar e colocar-se

1. "[…] *For a* timar *of this value (6 000 aspers), service was required from the timariot himself plus a similarly armed horseman comparable to the european esquire and called a* cebeli *(a name derived from the Turkish* cebe, *in turn from the Mongol* gebe, *meaning a mail corselet)* […]" (Heath, 1982, p. 4). Uma organização de tipo feudal, portanto.

2. Usa-se a designação de Murphey.

3. Recolhiam-se um certo número de crianças e rapazes cristãos para serem educados na estrita obediência ao sultão (cf. Aksan e Murphey com Marsigli).

4. É neste último grupo que se encontravam os famosos *Yeniçeri* que marcaram o imaginário cristão da época, termo turco que significa "soldados novos".

the periphery of this space, the Portuguese presence followed a similar course: the early expansionist phase, during the first decade, was followed by a defensive situation, which would be reduced to the possession of Ceuta, Tangier and Mazagan during the second half of the century.

Portugal and Morocco were involved in continuous confrontations, mostly ambushes and skirmishes. Other types of confrontation, such as sieges and pitched battles, required a regular military organization. The growing Ottoman influence over the Saadi military institutions has been analysed in this scope, namely through the pioneering research of Dziubinsky and Cook Jr..

The Ottomans established the bases of their military power over a period of more than a century, between 1300 and 1453 by convention. This power was organized around three main groups: the irregular *akinci* volunteers, who received a share of the plunder; the *timariots*, who were forced to serve and received a fief, called *timar*[1]; and the household troops, called *kapu kulu*[2], i.e. the palace servants. The latter were recruited by means of the *devshirme*[3], a system introduced by Murad I (1362-89) and Bayezid I (1389-1402)[4], and included the best-equipped cavalry, the *sipahi*, and the gunners.

THE SAADI MILITARY FORCES

The Ottomans managed to establish themselves or impose their influence as far as Algiers. This influence was naturally fought against from the Spanish possessions, taking advantage of their extensive line of maritime and terrestrial communications. At the westernmost end, the Wattasid and Saadi sovereigns took advantage of this complex political and military situation to successfully defend their autonomy. The fact that the authority of the *Porte* was challenged by the sovereigns of the present-day Kingdom of Morocco has led to the belief that the *ottomanization* of the society – and particularly the military forces – did not occur until a later stage, around 1576. A succession war was being fought by then; its roots date back to the assassination of Muhammad Shaiq (1555-57) at the hands of one of his Turkish guards. He was succeeded by his son Abdallah al-Ghalib, who ordered the assassination of all his relatives who could claim the throne, but his three

1. "[…] *For a* timar *of this value (6 000 aspers), service was required from the timariot himself plus a similarly armed horseman comparable to the european esquire and called a* cebeli *(a name derived from the Turkish* cebe, *in turn from the Mongol* gebe, *meaning a mail corselet)* […]" (Heath, 1982, p. 4). Thus, a sort of feudal scheme.

2. According to Murphey's designation.

3. A certain number of Christian children and boys were picked to be brought up in strict obedience to the sultan (cf. Aksan and Murphey with Marsigli).

4. The latter group included the famous *Yeniçeri* who left a strong mark on the Christian imaginary of this period; this Turkish term means "new soldiers".

sob a protecção de Argel. Um deles, Abd al-Malik (*xarife* entre 1576-8), participou nas campanhas mais importantes do Mediterrâneo, Lepanto[5] e o último cerco de Tripoli[6]. Acabou por seguir para Istambul onde estabeleceu uma estreita ligação com os turcos, que lhe valeu o nome com que que ficou conhecido entre os cristãos: *Mulei Maluco*[7].

Os sádidas possuíam um contingente militar permanente, a *makhazania*, constituído por soldados "que em paz e em guerra ganam siempre sueldo, e estan como en deposito para las guerras que se oferecen" (Mesa, 1630, p. 59). O termo recua à época Almoada[8], e a etimologia sugere o governo central, ou a *guarda ou exército do sultão*[9], mas em qualquer das situações, é clara a intenção de criar um corpo de soldados às ordens do *xarife* semelhante ao *kapu kulu* otomano.

Diego de Torres, contemporâneo do *xarife* Mohamed es-Shaik (1555-7), informa-nos que a *makhazania* era quase invariavelmente constituída por *turcos y renegados*[10], portanto próxima da estrutura do corpo *kapu kulu*. Parece um desenvolvimento lógico, pela coincidência cronológica com a invasão otomana de Marrocos (1551-59), que culminou na conquista de Fez em 1554 (Cook Jr., 1994, p. 217-240). A luta entre o partido oatácida, apoiado pelos *turcos de Argel*, realçou a pertinência deste sistema militar. Segundo Torres, a "infantería la usan poças vezes y la estiman poço" (Torres, 1984, p. 130), e de facto, as suas estimativas apontam uma clara preponderância para as tropas montadas. Todavia, por volta de 1553 – coincidindo, novamente, com a queda de Fez às mãos da coligação oatácida/argelina – o mesmo cronista revela uma alteração na proporção entre infantaria e cavalaria, favorável ao

5. [...] *Se embarcou e achou em pessoa na batalha naval em que falava muitas vezes e dando-se muitos louvores do que aconselhara e fizera* [...] *(Crónica de Almançor*, 1997, p. 7-9).

6. [...] *La flote d'Alger comptant trente galiotes se mit en route avec quatre mile hommes de troupes comandes par le pach 'Oloûdj 'ali; et en même temps parti Moulay 'Abd el-Malik sur une frégate à dix-huit bancs de rameurs qui n'emportait que trente et quelques guerriers* (Fagnan, 1924, p. 395).

7. [...] *Que assim o chamam também os cristãos por ser muito esforçado de sua pessoa; e outros por ser tão humilde em seus requerimentos que lhe chamavam os turcos escravo – e uma e outra cousa quer dizer a tal palavra..."* (*Crónica de Almançor*, p. 445). *O Sultão Mawlây Abd el-Mâlik ficou conhecido por «Maluco» por ter permanecido vários anos em Istambul; o vocábulo, derivado de mamluk que significa «escravo, servo», era usado para designar os homens que se encontravam ao serviço dos Turcos* [...] (*Crónica de Almançor*, 1997, p. 445).

8. O exército almóada do séc. XII possuía um corpo profissional designado por *abid al-makhzan* (Nicolle, 2001, p. 24).

9. [...] Mahazania, *palavra da mesma raiz de makhzan que designava em Marrocos tudo o que estava ligado à corte ou ao poder do sultão ou às pessoas e instituições que eram pagas por ele ou pelo tesouro público* [...] (*Crónica de Almançor*, 1997, p. 511).

10. Torres refere os Turcos e renegados como fazendo parte da *guarda* ou *alcaidía*.

brothers managed to escape and placed themselves under the protection of Algiers. One of them, Abd al--Malik (*xarife* between 1576 and 1578), participated in the more important Mediterranean campaigns, Lepanto[5] and the last siege of Tripoli[6]. He eventually went to Istanbul where he established a close connection to the Turks that earned him the name under which he became known among the Christians: *Mulei Maluco*[7].

The Saadi had a permanent military contingent, the *makhazania*, consisting of soldiers "que em paz e em guerra ganam siempre sueldo, e estan como en deposito para las guerras que se oferecen" (Mesa, 1630, p. 59). The term dates back to the Almohad[8] period and the etymology suggests the central government, or *the sultan's guard* or *army*[9], but in any case there is a clear intention of creating a corps of soldiers at the orders of the *xarife*, not unlike the Ottoman *kapu kulu*.

Diego de Torres, a contemporary of *xarife* Mohammed ash-*Sheikh* (1555-57), mentions that the *makhazania* was almost invariably composed of *turcos y renegados*[10], and therefore not dissimilar to the structure of the *kapu kulu* corps. This is a seemingly logical development, considering the chronological coincidence with the Ottoman invasion of Morocco (1551-59), which culminated in the conquest of Fez in 1554 (Cook Jr., 1994, p. 217-240). The Wattasid struggle, supported by the *Turks of Algiers*, highlighted the relevance of this military system. According to Torres, the "infantería la usan poças vezes y la estiman poço" (Torres, 1984, p. 130); in fact, his estimates indicate a clear preponderance of mounted troops. However, around 1553 – and coinciding, once again, with the fall of Fez to the hands of the Wattasid-Algerian coalition – the same chronicler reveals a change in the proportion between infantry and cavalry, in favour of the foot

5. [...] *Se embarcou e achou em pessoa na batalha naval em que falava muitas vezes e dando-se muitos louvores do que aconselhara e fizera* [...] *(Crónica de Almançor*, 1997, p. 7-9).

6. [...] *La flote d'Alger comptant trente galiotes se mit en route avec quatre mile hommes de troupes comandes par le pach 'Oloûdj 'ali; et en même temps parti Moulay 'Abd el-Malik sur une frégate à dix-huit bancs de rameurs qui n'emportait que trente et quelques guerriers* (Fagnan, 1924, p. 395).

7. [...] *Que assim o chamam também os cristãos por ser muito esforçado de sua pessoa; e outros por ser tão humilde em seus requerimentos que lhe chamavam os turcos escravo – e uma e outra cousa quer dizer a tal palavra* [...]*"* (*Crónica de Almançor*, p. 445). *O Sultão Mawlây Abd el-Mâlik ficou conhecido por «Maluco» por ter permanecido vários anos em Istambul; o vocábulo, derivado de mamluk que significa «escravo, servo», era usado para designar os homens que se encontravam ao serviço dos Turcos* [...] (*Crónica de Almançor*, 1997, p. 445).

8. The 12th century Almohad army included a professional corps called *abid al-makhzan* (Nicolle, 2001, p. 24).

9. [...] Mahazania, *palavra da mesma raiz de makhzan que designava em Marrocos tudo o que estava ligado à corte ou ao poder do sultão ou às pessoas e instituições que eram pagas por ele ou pelo tesouro público* [...] (*Crónica de Almançor*, 1997, p. 511).

10. Torres refers to the Turks and renegades as part of the *guarda* or *alcaidía*.

efectivo apeado[11]. Outro aspecto não menos importante é a existência de outras tropas, os *Sufies*, *Fezis*[12], *Modéjares* e *Gazulas*[13], que Torres apenas regista na batalha de Derna, que opôs o *xarife* ao rei de Fez (1546). Fica, portanto, a dúvida sobre se se trata de um procedimento habitual.

Foram os exércitos que es-Shaik levantou, em especial durante o período de expansão dinástica compreendido entre 1536-47, que apoiaram o processo de afirmação, ou melhor, da imposição do domínio Sádida em Marrocos (Cook Jr., 1994, p. 193-216). Épocas críticas exigem o sobredimensionamento do contingente militar, incluindo tropas que habitualmente poderiam estar afastadas das operações militares, por várias razões[14]. E de facto, conforme avançamos na cronologia, a abertura da *makhazania* a outros corpos de diversas origens – tanto étnicas como sociais - parece tornar-se, progressivamente, uma prática corrente. E será um dado adquirido já perto de Alcácer Quibir:

> [...] *La principal fuerça de los reyes de Marruecos consiste en quatro partidas de soldados viejos, todos escopeteros, a quien ellos llaman Alma-gasenia, que se entiende hombres ordinarios de guerra, porque en todo o tiempo assisten, a la continua, en la guardia de la persona del Xarife* [...] (Oxeda, 1905, p. 19)

Sebastián de Mesa, cronista espanhol da época de Alcácer Quibir e da posterior União Ibérica, refere a origem muito diversa das tropas durante o reinado de Abd al-Malik: "[...] Elches, que así llaman a los renegados, andaluzes, a los Granadinos, Gazules, a los del reino de Sus, y açuagos ay unos moros forasteros [...]" (Mesa, 1630, p. 59) [15].

Andaluzes ou (*Chel*) Granadinos

Desde a expulsão da península, os soldados andaluzes desempenharam um papel preponderante nos exércitos do Magrebe do primeiro quartel do século XVI. Segundo Mármol, existia em Fez uma oficina de metalurgia onde se fabricavam espadas, bestas, arcabuzes e

soldiers[11]. Yet another and not less important aspect is the existence of other troops, the *Sufies*, *Fezis*[12], *Modéjares* and *Gazulas*[13], which Torres only mentions in his account of the battle of Derna, a clash between the *xarife* and the King of Fez (1546). Therefore, it remains to be seen whether the presence of these troops was standard procedure.

The establishment, or rather, the imposition of the Saadi rule over Morocco (Cook Jr., 1994, p. 193-216) was supported by the armies raised by ash-*Sheikh*, particularly during the 1536-47 period of dynastic expansion. Critical periods require oversized military contingents, including troops that would not usually be involved in the military operations, due to a number of reasons[14]. Indeed, as one moves forward in time the inclusion of other corps of diverse origins – both in ethnic and social terms – in the *makhazania* seems to progressively become a usual practice. And it was taken for granted not long before Ksar el-Kebir:

> [...] *La principal fuerça de los reyes de Marruecos consiste en quatro partidas de soldados viejos, todos escopeteros, a quien ellos llaman Almagasenia, que se entiende hombres ordinarios de guerra, porque en todo o tiempo assisten, a la continua, en la guardia de la persona del Xarife* [...] (Oxeda, 1905, p. 19)

Sebastián de Mesa, a Spanish chronicler from the period of Ksar el-Kebir and the following *União Ibérica*, mentions the very diverse origin of the troops during the reign of Abd al-Malik: "[...] Elches, que así llaman a los renegados, andaluzes, a los Granadinos, Gazules, a los del reino de Sus, y açuagos ay unos moros forasteros [...]"[15].

The Andalusian or *(Chel)* Granadinos

Since their expulsion from the Iberian Peninsula, Andalusian soldiers played a preponderant part in the Maghrebian armies from the first quarter of the 16th century. According to Mármol, there was a metallurgy workshop in Fez where swords, crossbows, arquebuses

11. Embora sempre favorável ao contingente montado, varia de uma proporção entre 1:20 e 1:30 para 1:5 e 1:3 (Torres, 1984, p. 123-243).

12. "*Sufis*" e "*gazulas*" podem designar as mesmas tropas. (Torres, 1984, p. 139).

13. "Fezis" e "modejares" podem designar os mesmos soldados, os "*andaluzes*" (Torres, 1984, p. 142).

14. Uma razão apontada seria uma notória falta de vontade em entregar armas modernas a tropas de origens étnicas diversas, cuja lealdade ao sultão se esbatia em função das ligações tribais ou familiares.

15. [...] *Chamam os Mouros a esta Milícia Almaganera, dividida em renegados que eles chamam o Chel Grenadinos, que são os que na última conquista do Reino de Granada saíram dele, chamados lá Andaluzes, e os Aveagos, ou Tarascos, que assim se chamam aos Turcos* (*Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2004, p. 26). [...] *A soldadesca estava distinta por as suas nações: andaluzes, turcos, xarquis e arrenegados que entre si se chamam elches* (*Crónica de Almançor*, 1997, p. 63).

11. The proportion varies from 1:20 and 1:30 to 1:5 and 1:3, but always in favour of the mounted contingent. (Torres, 1984, p. 123-243).

12. "*Sufis*" and "*gazulas*" may refer to the same troops. (Torres, 1984, p. 139).

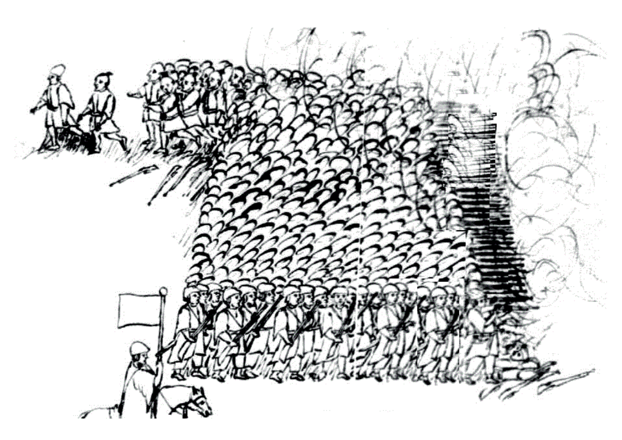
13. "*Fezis*" and "*modejares*" may refer to the same troops, i.e. the "*andaluzes*" (Torres, 1984, p. 142).

14. One such reason would be the notorious lack of willingness to supply modern weapons to troops from different ethnic origins, whose loyalty to the sultan was blurred by tribal or family connections.

15. [...] *Chamam os Mouros a esta Milícia Almaganera, dividida em renegados que eles chamam o Chel Grenadinos, que são os que na última conquista do Reino de Granada saíram dele, chamados lá Andaluzes, e os Aveagos, ou Tarascos, que assim se chamam aos Turcos* (*Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2004, p. 26). [...] *A soldadesca estava distinta por as suas nações: andaluzes, turcos, xarquis e arrenegados que entre si se chamam elches* (*Crónica de Almançor*, 1997, p. 63).

peças de artilharia, sob orientação de mestres *andaluzes* (García-Arenal, 1984). Diego de torres confirma este facto, e afirmou categoricamente que os artilheiros dos sultões oatássidas eram, exclusivamente, *andaluzes* (García-Arenal, 1984). Os *xarifes* sádidas, aproveitaram, naturalmente, o serviço destes homens. Al-Dugali, granadino, mais tarde corsário primeiro em Tetuão, depois em Salé, é o mais conhecido. Durante o reinado de do *xarife* al-Ghalib (1557-74), sugeriu a formação de um contingente de soldados *andaluzes* sob o seu comando (García-Arenal, 1984). Entre 1562-63 registou cerca de 14 000 *andaluzes* que serviriam mediante pagamento de soldo, integrados assim na *makhazania*. Estes soldados foram divididos em dois contingentes, parte alojado na planície ocidental de Marraquexe, enquanto outros tomaram aquartelamento em Fez (García-Arenal, 1984).

A progressiva proeminência dos *andaluzes* permitem--lhes ocupar cargos-chave na hierarquia do estado sádida. Tornaram-se um poder paralelo, capaz de abalar e mesmo decidir a própria sucessão do trono. Esta capacidade de intervenção ficou demonstrada quando o contingente da al-Dogali abandonou o partido de al-Mutawakkil durante a batalha de al-Rukn (1576) (García-Arenal, 1984). Al-Dugali, personagem fulcral no contexto político/militar de época, acabou por ser afastado do comando dos soldados *andaluzes* pouco antes da batalha de Alcácer Quibir (García-Arenal, 1984). Ficou retido em Marraquexe, mantido à guarda do filho de al-Malik, Muhammad al-Sayj, e foi executado após a batalha juntamente com o seu sobrinho al--Gurri, acusados de conspiração e envenenamento do sultão (García-Arenal, 1984). Assim, mau grado a sua importância militar, os *andaluzes* perdem o seu lugar dominante para os soldados *turcos*, e, sobretudo, para os *renegados* (García-Arenal, 1984).



1. Atiradores *andaluzes* e *renegados*, Jorge de Henin, *Descripción* (1614). © BNE, pormenor do segundo desenho
Riflemen: *andaluzes* and *renegados*, Jorge de Henin, *Descripción* (1614). © BNE, detail of the second drawing

Renegados e *cristãos livres*

Os cronistas cristãos asseguram que os *renegados* formam o principal pilar do exército sádida. São apontados como os soldados mais competentes, a par dos

and artillery pieces were made under the guidance of *Andalusian* masters (García-Arenal, 1984). Diego de Torres confirms this fact and categorically states that the gunners working for the Wattasid sultans were exclusively *andaluzes* (García-Arenal, 1984). Naturally, the Saadi *xarifes* took advantage of these men's service. The most renown was al-Dugali, a native of Granada, later to become a corsair, first in Tetouan and afterwards in Salé. During the reign of *xarife* al-Ghalib (1557-74), al-Dugali suggested the formation of a contingent of *andaluzes* soldiers under his command (García-Arenal, 1984). In 1562-63 he enlisted some 14 000 *andaluzes* who were to be paid for their services and were thus integrated in the *makhazania*. These soldiers were organized in two contingents; some were lodged in the western plains of Marrakesh while others were quartered at Fez (García-Arenal, 1984).

The progressive relevance of the *andaluzes* enabled them to occupy key positions on the hierarchy of the Saadi state. They became a parallel power, capable of shaking and even deciding the succession to the throne. Their capacity to intervene was demonstrated when the al-Dugali contingent abandoned al-Mutawakkil's side during the battle of al-Rukn (1576) (García-Arenal, 1984). Al-Dugali, a crucial character in the military and political context of this period, was eventually relieved from the command of the *andaluzes* soldiers shortly before the battle of Ksar el-Kebir (García-Arenal, 1984). He was held at Marrakesh, under the guard of al-Malik's son, Muhammad al-Sayj, and he was executed after the battle along with his nephew al-Gurri; both were charged with conspiracy and the poisoning of the sultan (García-Arenal, 1984). Thus, and despite their military importance, the *andaluzes* lost their dominant position to the *turcos* soldiers and, above all, to the *renegados* (García-Arenal, 1984).

Renegados and *cristãos livres*

Christian chroniclers assure that the *renegados* were the main pillar of the Saadi army. They were singled out as the more competent soldiers, along with the *andaluzes*, who were equally good in handling firearms (García-Arenal, 1984). Besides, they were part of the more restricted corps of the *makhazania*: both Andalusian and Turks integrated the *xarife*'s personal guard. The men in charge of the *xarife*'s safety necessarily had to be carefully chosen. Mohammad ash-*Sheikh* was murdered by two *turcos* serving in his guard, who were in the pay of the Ottomans, and Abd al-Malik was quite probably poisoned as a consequence of the conspiracy organized by the main *andaluzes* leaders. Therefore, among all the highly regarded soldiers serving the Saadi only the *renegados* seemed to deserve the *xarifes*' full trust, which arguably suggests an influence of the Ottoman recruitment system, the *devshirme*.

Thanks to the Christian chroniclers of Ksar el-Kebir, who offer valuable details concerning the organization of the Saadi army, the composition of Abd al-Malik's personal

andaluzes, dominando com igual mestria o manejo das armas de fogo (García-Arenal, 1984). Também fazem parte do corpo mais restrito da *makhazania*, integrando com os turcos, a guarda pessoal do *xarife*. Os homens encarregados da segurança do *xarife* tinham necessariamente que ser cuidadosamente escolhidos. Mohammad es-Shaiq foi assassinado por dois *turcos* da sua guarda a soldo dos otomanos, e Abd al-Malik terá sido, com grande probabilidade, envenenado em consequência da conjura urdida pelos principais chefes *andaluzes*. Assim, no conjunto de todos os soldados mais reputados que serviam os sádidas, apenas os *renegados* parecem merecer a plena confiança dos *xarifes*, o que parece sugerir a influência do sistema de recrutamento otomano, o *devshirme*.

Reportando-nos aos cronistas cristãos de Alcácer Quibir, pródigos em avançar preciosos detalhes sobre a organização do exército sádida, sabemos qual a cons-tituição da guarda pessoal de Abd al-Malik, "duzentos renegados escopeteiros e alabardeiros que eram de sua guarda ordinária" (*Jornada a África*, 1978, p. 103)[16]. É António de Saldanha que nos dá a prova mais forte da *otomanização,* porque afinal tratava-se de proporcionar a segurança do círculo mais fechado do *xarife.* Este cronista, observador privilegiado e informado, referindo-se à enorme quantidade de cativos resultante da batalha de Alcácer Quibir informa-nos que al-Mansur deu ordem para "[...] buscar todos os moços que se acharam na batalha d'el-rei D. Sebastião de quinze anos pêra baxo, e os mandou circuncidar e vestir à mourisca e ordenando-lhes muitas ventagens" (*Cronica de Almansor*, 1997, p. 27). Este contingente que totalizava "dous mil e quinhentos cristãos cativos" ficou repartido entre a cidade de Fez (300) e Marraquexe (2.200), para o "servirem das portas adentro e confiar deles sua pessoa" (*Cronica de Almansor*, 1997, p. 33). É também Saldanha que nos relata a crescente confiança depositada nos *renegados*: "[...] arrenegados portugueses e espanhóis que iam em grande crescimento, e estes ia o xarife acariciando muito" (*Cronica de Almansor*, 1997, p. 49). Pelo estatuto de convertidos ao Islão, sem outras lealdades tribais ou familiares, era do seu interesse – para não dizer, sobrevivência – dedicarem-se ao serviço do *xarife* (García-Arenal, 1988).

No início do século XVI entram em cena os *cristãos livres*. Ficamos a saber pelo *Memorial* de Jorge de Henin que não se trata de europeus convertidos ao Islão, mas de corsários, ou aventureiros que chegam na sequência de negociação entre os governantes sádidas e vários reinos da Europa. São, portanto, verdadeiros mercenários, como era aliás vulgar na Europa. Estes homens guardavam os seus hábitos ocidentais, nomeadamente vestiam-se à europeia. Geralmente tinham a seu cargo a artilharia, como podemos ver nas representações de Henin, mas também combatiam

16. Oxeda refere outra composição para a guarda, *hasta 100 turcos y otros tantos renegados, de los de su guarda hordinaria, todos escopeteros* (Oxeda, 1905, p. 604).

guard is well kown: "duzentos renegados escopeteiros e alabardeiros que eram de sua guarda ordinária" (*Jornada a África*, 1978, p. 103)[16]. António de Saldanha has supplied the strongest evidence for *ottomanization*; after all, this whole matter was about the safety of the *xarife*'s inner circle. Saldanha, a chronicler and a privileged and well-informed observer, refers to the enormous amount of captives taken after the battle of Ksar el-Kebir and mentions that al-Mansur gave orders to "[...] buscar todos os moços que se acharam na batalha d'el-rei D. Sebastião de quinze anos pêra baxo, e os mandou circuncidar e vestir à mourisca e ordenando-lhes muitas ventagens" (*Cronica de Almansor*, 1997, p. 27). This contingent totalled "dous mil e quinhentos cristãos cativos" and was divided between the cities of Fez (300) and Marrakesh (2 200), to "servirem das portas adentro e confiar deles sua pessoa" (*Cronica de Almansor*, 1997, p. 33). Saldanha also refers to the growing confidence placed in the *renegados*: "[...] arrenegados portugueses e espanhóis que iam em grande crescimento, e estes ia o xarife acariciando muito" (*Cronica de Almansor*, 1997, p. 49). Given their status as Islam converts and their lack of tribal or family loyalties, it was in their best interest – not to mention their survival – to be in the service of the *xarife* (García-Arenal, 1988).

The *cristãos livres* make their appearance in the beginning of the 16th century. According to the *Memorial* by Jorge de Henin, these were not European converts to Islam but rather corsairs or adventurers who arrived in result of negotiations between the Saadi rulers and several European kingdoms. These are, therefore, true mercenaries, as was usual in Europe by then. Such men kept their occidental habits and their European garments. They were generally in charge of the artillery, as can be seen on Henin's depictions, but also fought with firearms. Thus, they are not dissimilar to the *renegados* and *turcos* that served the various Saadi leaders during a particularly critical period of the history of the Saadi dynasty, remarkably classified by Dias Farinha as a time of "confrangedora desordem política, civil e militar" (*Crónica de Almançor*, 1997, p. XXI).

Gazulas, *Igezulen*, or *Ibudraren*

The *Gazulas* or *Igezulen*, also known as *Ibudraren* (Dziubinsky, 1972), were Berbers from the *Ilalen* tribe, recruited from southern Morocco, in the Anti-Atlas zone (Berthier, 1985). This tribe formed a larger confederation whose territory extended as far as the province of Haha, in the Atlantic extremity of the High Atlas.

> [...] *Juntaram-se dois mil soldados guazules que por outro nome se chamam budreiros, moradores numas serras que ficam à parte do sul nas costas de Tradante, homens de pouca experiência e sem esperanças para a guerra* [...]. (*Crónica do xarife Mulei Mahamet*..., 1987, p. 47)

16. Oxeda mentions another composition of the guard, *hasta 100 turcos y otros tantos renegados, de los de su guarda hordinaria, todos escopeteros* (Oxeda, 1905, p. 604).

com armas de fogo. Encontram-se, portanto, a par dos *renegados* e *turcos* que servem os vários chefes sádidas durante um período particularmente crítico da história desta dinastia, e que Dias Farinha classificou de forma notável como de "confrangedora desordem política, civil e militar" (*Crónica de Almançor*, 1997, p. XXI).

Gazulas, *Igezulen*, ou *Ibudraren*

Os *Gazulas*, *Igezulen*, também chamados *Ibudraren* (Dziubinsky, 1972) eram bereberes da tribo *Ilalen* recrutados no sul de Marrocos, na zona do Anti-atlas (Berthier, 1985). Esta tribo formava uma confederação mais extensa, cujo território se estendia até à província de Haha, na extremidade atlântica do Alto Atlas.

> [...] *Juntaram-se dois mil soldados guazules que por outro nome se chamam budreiros, moradores numas serras que ficam à parte do sul nas costas de Tradante, homens de pouca experiência e sem esperanças para a guerra* [...]. (*Crónica do xarife Mulei Mahamet...*, 1987, p. 47)

Falar destes soldados é referir as tensões étnico/sociais entre as "quatro partidas de soldados" referidas por Oxeda. Quando o irmão de Abd al-Malik, o futuro Almansor, sofreu uma emboscada na região de Tarudante em Julho de 1576, terá combatido contra os *gazulas*. Soldados deste mesmo grupo étnico ocuparam a primeira linha em Alcácer Quibir ao lado dos *andaluzes*, em quem, entretando, já não se depositava a mesma confiança. A importância dos *gazulas* pode ter decrescido em virtude da "pouca experiência e sem esperanças para a guerra", mas também pela desconfiança gerada pelo apoio prestado a al-Mutawakkil. Talvez por essa razão os cronistas da segunda metade do século, Saldanha e Henin, apenas nomeiam *andaluzes*, *renegados* e *xarquias*; as restantes *partidas* como os *gazulas*, parecem estar contemplados na designação genérica de *alarves* (Henin, 1997, p. 69), em quem não se depositava demasiadas *esperanças*.

Turcos, *azuagos* e *xarquias*

Os *azuagos* pertenciam a uma das tribos da Cabília, originários da região de Bougia, e que no século XVI ocupariam uma região que, grosso modo, se estendia de Fez até Tunes (*Cronica de Almansor*, 1997, p. 49). Serviam como mercenários no reino de Argel, e operavam regularmente com os *janízeros* da guarnição na recolha dos tributos – as *garramas*[17]. Torres não fala destes soldados, mas poderiam encontrar-se referidos como *turcos*. Curiosamente, é um cronista português que nos fornece uma importante pista a este propósito, ao descrever o exército com que Abd al-Malik regressou ao Norte de África, em finais de 1575, para retomar o

17. [...] *S'ajouent des Maures amis et vassaux appelés azuagos, qui vont lever la garrama en compagnie des Turcs* [...] (Mascarenhas, 1993, p. 103).

2. Artilheiros *cristãos livres*, Jorge de Henin, *Descripción* (1614), Casablanca (1997), pormenor (interpretação por meios informáticos) do segundo desenho.
Gunners: *cristãos livres*, Jorge de Henin, *Descripción* (1614), Casablanca (1997), detail (computer-aided interpretation) of the second drawing.

One cannot speak about these soldiers without mentioning the ethnic and social tensions between the "quatro partidas de soldados" referred to by Oxeda. When Abd al-Malik's brother, the future *Almansor*, was ambushed in the region of Taroudant in July 1576 he was probably fighting the *gazulas*. Soldiers from this ethnic group were in the first line at Ksar el-Kebir, side by side with the *andaluzes* who, in the meanwhile, were not so trusted anymore. The importance of the *gazulas* may have decreased in view of their "pouca experiência e sem esperanças para a guerra" but also due to the mistrust originated by the support given to al-Mutawakkil. This could be the reason why the chroniclers from the second half of the century, Saldanha and Henin, only mention the *andaluzes*, *renegados* and *xarquias*; all the other *partidas*, like the *gazulas*, seem to be included under the generic denomination of *alarves* (Henin, 1997, p. 69), from whom not much was expected.

Turcos, *azuagos* and *xarquias*

The *azuagos* belonged to one of the tribes from Kabylia, from the region of Bejaïa, which in the 16th century occupied a region that extended, in broad terms, from Fez to Tunis (*Cronica de Almansor*, 1997, p. 49). They served as mercenaries in the kingdom of Algiers and operated regularly alongside the garrison's *janízeros*, collecting tribute – the *garramas*[17]. Torres does not mention these soldiers but they might have been referred to as *turcos*. Curiously enough, a Portuguese chronicler provides an important clue when he describes Abd al-Malik's army at the time of the latter's return to North Africa, by the end of 1575, to retake the throne (Garcia-Arenal, 1988). His army was essentially composed of troops coming from Algiers, "quatro mil turcos atiradores práticos e muito exercitados", out of a total of "nove mil soldados turcos, os mais xorquis, os outros azuagos, e dois mil de cavalo" (*Crónica do Xarife Mulei Mahamet...*, 1987, p. 44). Therefore, these were not just troops from the regular garrison of Algiers but also mercenaries who regularly served the Algerian – "[...] mouros azuagos e xartaquins,

17. [...] *S'ajouent des Maures amis et vassaux appelés azuagos, qui vont lever la garrama en compagnie des Turcs* [...] (Mascarenhas, 1993, p. 103).

trono (Garcia-Arenal, 1988). Este era, essencialmente, constituído por tropas provenientes de Argel, "quatro mil turcos atiradores práticos e muito exercitados", de um total de "nove mil soldados turcos, os mais xorquis, os outros azuagos, e dois mil de cavalo" *(Crónica do Xarife Mulei Mahamet...*, 1987, p. 44). Não se tratava, portanto, apenas de tropas da guarnição regular de Argel, mas também de mercenários que serviam regularmente os argelinos – "[...] mouros azuagos e xartaquins, que habitam as terras de Tremecen e confins de Argel, gente guerreira e de muito valor nas armas [...]" (*Crónica do Xarife Mulei Mahamet...*, 1987, p. 44).

Pouco tempo depois da batalha de Alcácer Quibir, em 1581, os *azuagos* de Marraquexe revoltaram-se alegando a falta de pagamento do soldo. Serão chacinados vários milhares – Mendonça estima que a quase totalidade (Mendonça, 1904, v. 2, p. 49-50) – pelos *andaluzes*, *turcos* e *xarquias*. De facto, depois da chacina de Marraquexe, não encontramos referência à utilização destes soldados pelos sádidas. Situação idêntica passou-se com os *xarquias*[18], outros soldados mercenários provenientes de Argel, desta vez da região que se estende desta cidade até Tunes. Cerca de quatro anos depois da revolta dos *Azuagos* novas insureições estalaram, mas a situação pareceu estabilizar-se. Uma década decorrida e teve lugar nova rebelião. Em 1593, Mulei alk-Nasr, irmão do derrotado de Alcácer Quibir al-Mutawakkil, regressou do exílio em Espanha (García-Arenal, 2009). Reuniu um pequeno exército e refugiou-se na serra de Dubdub, perto do Pinhão de Velez (*Crónica de Almansor*, 1997, p. 507-511). Seguiu-se o confronto com as tropas do *xarife*, durante o qual os *xarquis* desertaram para al-Nasr (*Crónica de Almansor*, 1997, p. 211). Por outro episódio ocorrido em 1610, durante as guerras civis que desmembraram o reino sádida constatamos que esta lealdade instável parece ser uma característica dos *xarquias* (Henin, 1997, p. 105-106).

Segundo os cronistas europeus, os *turcos* – juntamente com os *renegados* – eram uma parte essencial dos exércitos sádidas. Como vimos, os mercenários *azuagos e xarquias* estão contemplados naquela designação, tal como os *janizeros* da guarnição de Argel. Os *turcos* passaram a ser parte permanente da *makhazania*, e a crer nos cronistas magrebinos al-Zayyani e al-Fistali, durante o reinado de Abd al-Malik os *azuagos* chegaram a integrar este corpo[19].

A utilização de termos da hierarquia militar otomana é mais uma evidência da influência militar da *Porta*. O primeiro exemplo inequívoco é a guarda de Abd al-Malik em Alcácer Quibir. Consistia em "cinquenta turcos seus moços de estribeira" (*Jornada del-rei D. Sebastião...*, 1978, p. 103), nomeados com termos militares *otomanizados*: "Piques y Sulaques, que sierven de lacaios"

18. *Xarquis*, *xorquis* ou *xaracas*.

19. Esta situação recua ao reinado de es-Shaiq (Torres, 1984).



3. Mouro da Tunísia, Cesare de Veccelio, *Habiti antichi et moderni* (1590).
Tunisian *Moor*, Cesare de Veccelio, *Habiti antichi et moderni* (1590).



4. *Janízeros*, Jorge de Henin, *Descripción* (1614), Casablanca (1997), pormenor (interpretação por meios informáticos) do segundo desenho.
Janízeros, Jorge de Henin, *Descripción* (1614), Casablanca (1997), detail (computer-aided interpretation) of the second drawing.

que habitam as terras de Tremecen e confins de Argel, gente guerreira e de muito valor nas armas [...]" (*Crónica do Xarife Mulei Mahamet...*, 1987, p. 44).

Shortly after the battle of Ksar el-Kebir, in 1581, the *azuagos* from Marrakesh revolted, allegedly due to the lack of payment. Several thousand were massacred – nearly all, according to Mendonça's estimate (Mendonça,



5. *Peiq*, Nicolas de Nicolay, *Les quatre premieres livres dês navigations…* (1567).
Peiq, Nicolas de Nicolay, *Les quatre premieres livres dês navigations…* (1567).



6. *Solaq*, Cesare de Veccelio, *Habiti antichi et moderni* (1590).
Solaq, Cesare de Veccelio, *Habiti antichi et moderni* (1590).

(Oxeda, 1905, p. 603), que correspondem aos *peiq* e *solaq* da guarda dos sultões otomanos. Pelos desenhos de Jorge de Henin podemos confirmar que o próprio vestuário era copiado dos figurinos otomanos.

Outro costume importado da Turquia era a utlização do *parasol*, o *"pavilhão de brocado"* descrito por vários cronistas[20], e que seria levado por "dos hombres de a pie" (Oxeda, 1905, p. 603). Este fazia parte de um conjunto que incluía um estrado de madeira – *palanquim*:

> […] *Estava el tirano assentado en médio del pavellón, en un estrado debaxo de madera a manera de tarima cerrado de todas partes, de suerte que nadie le podia ver ni herir si no llegava por delante, y en la mano tenía un terciado y una cota de mall jazarina bestida debaxo de la marlota* […] (Torres, 1944, p. 135)

20. O autor da *Jornada del-rei D. Sebastião…*, Oxeda e Henin, por exemplo.

1904, vol. 2, p. 49-50) – by the *andaluzes*, *turcos* and *xarquias*. In fact, after the Marrakesh slaughter there are no further references to the use of these troops by the Saadi. A similar situation involved the *xarquias*[18], who were also mercenaries coming from Algiers, only this time they came from the region that extends between that city and Tunis. Some four years after the *Azuagos* revolt there were new insurrections but the situation seemed to be stabilizing. Yet, a decade later a new rebellion took place. In 1593 Mulei al-Nasr, the brother of al-Mutawakkil, the Ksar el-Kebir looser, returned from his exile in Spain (García-Arenal, 2009). He gathered a small army and took refuge in the Dubdub hills, close to the *Peñón de Vélez* (*Crónica de Almansor*, 1997, p. 507-511). A confrontation with the *xarife*'s troops followed, during which the *xarquias* deserted and sided with al-Nasr (*Crónica de Almansor*, 1997, p. 211). And another episode that took place in 1610, during the civil wars that dismembered the Saadi Kingdom, further shows that such an unstable loyalty seems to have been characteristic of the *xarquias* (Henin, 1997, p. 105-106).

According to European chroniclers, the *turcos* – along with the *renegados* – were an essential part of the Saadi armies. As we saw before, the *azuagos* and *xarquias* mercenaries are included in that denomination, just like the *janízeros* from the Algiers garrison. The Turks became a permanent part of the *makhazania* and, according to the Maghrebian chroniclers al-Zayyani and al-Fishtali, during the reign of Abd al-Malik the *azuagos* were also part of the same corps[19].

18. *Xarquis, xorquis* ou *xaracas*.

19. The situation dates back to the reign of ash-*Sheikh* (Torres, 1984).

Encontramos uma breve referência ao *"andor"* – Oxeda, cronista da batalha, fala de *"andas"* (Oxeda, 1905, p. 609) que Abd al-Malik utilizou para se exibir às tropas antes da batalha de Alcácer Quibir (*Jornada del-rei D. Sebastião...*, 1978, p. 103). O *xarife* estava gravemente doente, provavelmente envenenado, e por isso teria feito a viagem desde Salé – altura em que se agravou a sua condição - numa *"liteira"* (*Lettre du medecin juif ...*, 1905, p. 315, Mendonça, 1904, v. 1, p. 68).

Gente de cavalo

Os contingentes a cavalo sádidas dividem-se em dois grandes grupos, um integrado na *makhazania*, e outro – o mais numeroso – de carácter feudal. O primeiro compreendia fundamentalmente os atiradores montados. Desde a primeira década de Quinhentos que os archeiros montados desapareceram dos contingentes magrebinos (Cook Jr., 1994, p. 151), mas as primeiras referências aos *tiradores de a cavallo* com novo tipo de armamento datam de c. 1545[21]. Oxeda, chama-lhes *espaquis* [22], Saldanha *spahis* (*Crónica de Almansor*, 1997, p. 31) e *espahis* (*Crónica de Almansor*, 1997, p. 33), variações do termo otomano – *sipahi* – que designa a cavalaria regular *kapu kulu*. Se bem que não tem um paralelo directo em termos de armamento, pois no caso otomano consistem em cavalaria couraçada, trata-se do mesmo tipo de recrutamento assalariado.

Os arcabuzeiros montados eram comuns entre os europeus, como os *herruelos* espanhóis, os *argoulets* franceses ou os pistoleiros – *reiters* – alemães (Oman, 1987). Talvez por essa razão, os *espaquis* sádidas eram constituídos por *renegados* e *andaluzes*[23], mais acostumados

7. O *pavilhão de brocado* de Mawlay Abd Allah Abu Faris (*Mulei Buferes*), Jorge de Henin, *Descripción* (1614), Casablanca (1997), pormenor (interpretação por meios informáticos) do segundo desenho.
The *pavilhão de brocado* of Mawlay Abd Allah Abu Faris (*Mulei Buferes*), Jorge de Henin, *Descripción* (1614), Casablanca (1997), detail (computer-aided interpretation) of the second drawing.

21. [...] *Traía mil tiradores de a cavallo* (Torres, 1984, p. 138).

22. [...] *Espaquis, que llaman a sus escopeteros de a cavallo* [...] (Oxeda, 1905, p. 604).

23. [...] *Dois mil arcabuzeiros a cavalo, a maior parte renegades* (Conestaggio, 2017, p. 69).

The use of terms taken from the Ottoman military hierarchy is yet another proof of the *Porte*'s military influence. The first unambiguous example is Abd al-Malik's guard at Ksar el-Kebir. It consisted of "cinquenta turcos seus moços de estribeira" (*Jornada del-rei D. Sebastião...*, 1978, p. 103), which are referred to using *ottomanized* military terms: "Piques y Sulaques, que sierven de lacaios" (Oxeda, 1905, p. 603), which correspond to the *peik* and *solak* from the guard of the Ottoman sultans. Judging from Jorge de Henin's drawings, it can be stated that the outfit itself was copied from the Ottoman garments.

Another custom imported from Turkey was the use of the *parasol*, the *"pavilhão de brocado"* described by several chroniclers[20], which would be carried by "dos hombres de a pie" (Oxeda, 1905, p. 603). This was part of a set that included a wooden structure – the *palanquim*:

> [...] *Estava el tirano assentado en médio del pavellón, en un estrado debaxo de madera a manera de tarima cerrado de todas partes, de suerte que nadie le podia ver ni herir si no llegava por delante, y en la mano tenía un terciado y una cota de mall jazarina bestida debaxo de la marlota* [...] (Torres, 1944, p. 135)

There is a brief reference to the *"andor"* – Oxeda, the chronicler of the battle, mentions the *"andas"* (Oxeda, 1905, p. 609) used by Abd al-Malik to show himself to the troops before the battle of Ksar el-Kebir (*Jornada del-rei D. Sebastião...*, 1978, p. 103). The *xarife* was seriously ill, probably poisoned, and thus had travelled from Salé – where his condition worsened – on a "*litter*" (*Lettre du medecin juif ...*, 1905, p. 315, Mendonça, 1904, vol. 1, p. 68).

Gente de cavalo

The Saadi mounted contingents can be divided in two major groups, one of them integrated in the *makhazania* while the other – the most numerous – had a feudal character. The first group was mostly composed of mounted riflemen. Since the first decade of the 16th century the mounted archers disappeared from the Maghrebian contingents (Cook Jr., 1994, p. 151), but the first references to the *tiradores de a cavallo* bearing a new type of weapons date from around 1545[21]. Oxeda calls them *espaquis* [22], Saldanha refers to *spahis* (*Crónica de Almansor*, 1997, p. 31) and *espahis* (*Crónica de Almansor*, 1997, p. 33), all of these being variants of the Ottoman term – *sipahi* –, which designates the regular *kapu kulu* cavalry. Even though there isn't a direct parallel in terms of armament, because in the Ottoman case this is armoured cavalry, it is the same type of salaried military service.

20. The author of the *Jornada del-rei D. Sebastião...*, Oxeda and Henin, for example.

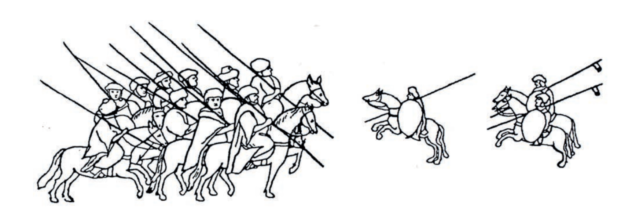
21. [...] *Traía mil tiradores de a cavallo* (Torres, 1984, p. 138).

22. [...] *Espaquis, que llaman a sus escopeteros de a cavallo* [...] (Oxeda, 1905, p. 604).

com as práticas da guerra europeia. Saldanha atribui um número substancia destes cavaleiros nas *makhazania* de Fez e Marraquexe (*Crónica de Almansor*, 1997, p. 31). Estes contingentes continuam a fazer parte dos exércitos sádidas na época das lutas civis do início do século XVII: em 1607 ainda ascendem a 2 000. A crescente dificuldade em recrutar soldados (Henin, 1997, p. 88) parece coincidir com a ausência de qualquer menção aos atiradores montados. Curiosamente, ao mesmo tempo ocorre uma quebra significativa na qualidade da pólvora fabricada em Marrocos (Henin, 1997, p. 77), de tal modo que em 1609 se combate com pólvora importada da Europa[24]. Uma realidade confrangedora para um reino que desde 1549 possuía instalações para este efeito em Marraquexe (Dziubinsky, 1972, p. 71; *Crónica de Almansor*, 1997, p. 81-83).

Makhazania	*Spahis*	*Renegados, andaluzes, turcos, azuagos e xarquis*
Fez, finais de 1578	1 000	14 000
Marraquexe, início de 1579	2 000	16 500

A grande maioria da cavalaria sádida organizava-se de forma semelhante ao sistema de recrutamento dos *timariots* otomanos: "estan ordinariamente repartidos por las comarcas, y no ganan sueldo, sino solamiente mantenimientos, quando andan en la guerra [...]" (Oxeda, 1905, p. 20). Eram, portanto, forças recrutadas apenas apenas para a guerra, a partir de regiões específicas – *comarcas* – certamente abastecidos pelos representantes locais do *xarife* (Carvajal, 1951). No segundo quartel do século XVI levantavam-se, principalmente, na "província de Temecena[25], y la de tierra de Fez", com particular incidencia para o "reyno de Tunez" (Carvajal, 1951). Dividia-se em três grandes contingentes provenientes de três regiões distintas: "los reynos de Fez de Marruecos", e da parte "Oriental desde el reyno de Tremecen" (Carvajal, 1951) – lugar de origem dos *azuagos*, como vimos atrás.



8. Cavalaria sádida, Jorge de Henin, *Descripción* (1614), Casablanca (1997), pormenor (interpretação por meios informáticos) do segundo desenho.
Saadi cavalry, Jorge de Henin, *Descripción* (1614), Casablanca (1997), detail (computer-aided interpretation) of the second drawing.

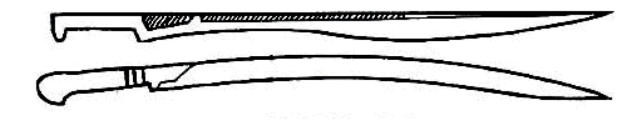
24. [...] *Com pólvora cristianesca* [...] (Henin, 199, p. 93).

25. *O reyno de Tremecen* (Carvajal, 1951).

Mounted arquebusiers were common in Europe, for example the Spanish *herruelos*, the French *argoulets* or the German pistoliers – the *reiters* – (Oman, 1987). This is perhaps the reason why the Saadi *espaquis* units were composed of *andaluzes* and *renegados*[23], more familiar with the European war practices. According to Saldanha's estimates, there was a substantial number of such cavalrymen in the Fez and Marrakesh *makhazania* (*Crónica de Almansor*, 1997, p. 31). These contingents were still part of the Saadi armies during the early 17th century civil disorders: up to 2 000 in 1607. The growing difficulties in the recruitment of soldiers (Henin, 1997, p. 77) seem to be coincident with the absence of any mentions to mounted riflemen. Curiously enough, at the same time there was a significant decrease in the quality of the powder made in Morocco (Henin, 1997, p. 88), to such an extent that in 1609 the powder was imported from Europe[24]. An appalling real-ity for a kingdom that possessed production facilities in Marrakesh since 1549 (Dziubinsky, 1972, p. 71; *Crónica de Almansor*, 1997, p. 81-83).

Makhazania	*Spahis*	*Renegados, andaluzes, turcos, azuagos, xarquias*
Fez, late 1578	1 000	14 000
Marrakesh, early 1579	2 000	16 500

The vast majority of the Saadi cavalry's organization was similar to the recruitment system of the Ottoman timariots: "estan ordinariamente repartidos por las comarcas, y no ganan sueldo, sino solamiente mantenimientos, quando andan en la guerra [...]" (Oxeda, 1905, p. 20). These were, therefore, forces recruited solely for the war, in specific regions – comarcas – and arguably provided for by the *xarife's* local representatives (Carvajal, 1951). During the second quarter of the 16th century these troops were mostly raised in the "província de Temecena[25], y la tierra de Fez", and particularly in the "reyno de Tunez" (Carvajal, 1951). They were divided in three major contingents, from three different regions: "los reynos de Fez de Marruecos", and "Oriental desde el reyno de Tremecen" (Carvajal, 1951), the place of origin of the azuagos, as mentioned before.



9. Espadas argelinas.
Algerian swords.

23. [...] *Dois mil arcabuzeiros a cavalo, a maior parte renegados* (Conestaggio, 2017, p. 69).

24. [...] *Com pólvora cristianesca* [...] (Henin, 199, p. 93).

25. *O reyno de Tremecen* (Carvajal, 1951).

Estes homens equipavam-se ligeiramente; segundo Oxeda apenas possuíam *"aparencia"* de cavalaria: "no levan otra roupa sino un alquice, o manta, y sus espuelas y lança*"* (Oxeda, 1905, p. 26) [26]. Trata-se da cavalaria ligeira de tradição árabe, mas o facto de não utilizarem protecção corporal – "tanpoco si les da mucho por cotas ni capacetes, porque para rebolver com aquelas lanças les dona embaraço" (Carvajal, 1951, p. 43) – não lhes diminuía o valor militar. De facto, estes cavaleiros extremamente versáteis combatiam simulando a fuga para, inesperadamente, voltar ao combate:

> *Muchas veces son más peligrosos quando van huyendo que quando cometen, porque si vêm al enemigo cerca haren la lança sobre el braço esquierdo y le alcançan* [...] *su manera de pelear es muy diferente de otras naciones, porque no guardan ordenança, acometen por muchas partes al enemigo, y se le haller flaco por algun lado, se juntan y executan en mucho breve la victoria. Y se los acometen a ellos, aunque estan juntos, se derraman a un cabo y outro y se buelben a a tentar por todas as partes muchas y diversas vezes* [...] (Carvajal, 1951, p. 43)

As armas com que se equipavam eran, em primeiro lugar, "lanças muy largas de quarenta y cinco o cinquenta palmos com dos hierros, y com entradas hieren por delante y por detrás", ideais para executar estas retiradas dissimuladas: o grande comprimento e os *"ferros"* nas extremidades tanto serviriam para ferir o inimigo na frente, como para atingir os que surgissem pela retaguarda.

Os cavaleiros recrutados "en la parte occidental donde son los reynos de Fez de Marruecos" deveria estar melhor equipados. Usavam protecções corporais, "cotas de malha y capacetes", "[...] gente mui luzida y bien armada de gentiles cotas, coracinas y capacetes, com sus lanças y adargas" (Torres, 1984, p. 142). A verdade é que não temos qualquer fonte iconográfica que permita identificar a tipologia. A única informação é a alusão a "una cota de malla jazarina bestida debaxo de la marlota [...]" (Torres, 1984, p. 135). Fica a dúvida sobre a expressão *jazarina*. Este termo de origem argelina (Torres, 1984, p. 135) tanto pode referir a origem árabe da armadura como pode ter proveniência otomana, dado o vínculo de Argel à autoridade – e influência – da *Porta.* As lanças eram curtas, "de veynte y cinco palmos" e possuíam "adargas de ante, y destas tienen muchas muy buenas" (Carvajal, 1951, p. 43), mais adequadas à cargas e combate corpo-a-corpo. Quanto às – *cristianescas* – tanto podem designar as tradicionais *nimchas* de Marrocos, com lâmina fabricada na Europa, ainda que ligeiramente curva, ou *flissa* de origen argelina de lâmina direita.

Neste contingente ainda se encontrarva outro tipo da cavalaria, mais próxima da tradição árabe andalusa, os

26. Esta descrição confirma-se na *Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007.

These men were lightly equipped. According to Oxeda they only had an "appearance" of cavalry: "no levan otra roupa sino un alquice, o manta, y sus espuelas y lança" (Oxeda, 1905, p. 26) [26]. This was light cavalry of Arabian tradition, but the fact of not using body protection – "tanpoco si les da mucho por cotas ni capacetes, porque para rebolver com aquelas lanças les dona embaraço" (Carvajal, 1951, p. 43) – did not diminish their military worth:

> *Muchas veces son más peligrosos quando van huyendo que quando cometen, porque si vêm al enemigo cerca haren la lança sobre el braço esquierdo y le alcançan* [...] *su manera de pelear es muy diferente de otras naciones, porque no guardan ordenança, acometen por muchas partes al enemigo, y se le haller flaco por algun lado, se juntan y executan en mucho breve la victoria. Y se los acometen a ellos, aunque estan juntos, se derraman a un cabo y outro y se buelben a a tentar por todas as partes muchas y diversas vezes* [...] (Carvajal, 1951, p. 43)

The weapons they were equipped with were, primarily, "lanças muy largas de quarenta y cinco o cinquenta palmos com dos hierros, y com entradas hieren por delante y por detrás", which were ideal to perform feigned withdrawals: the great length and the hierros (lit.: iron tips/points) on both extremities enabled wounding a frontal attacker as much as striking enemies coming from behind.

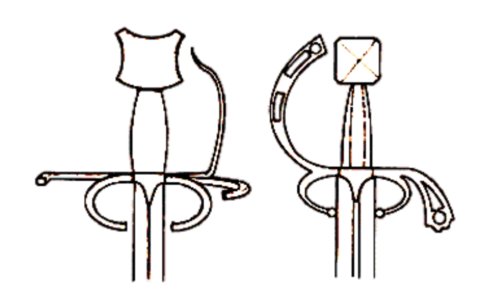
The cavalrymen recruited "en la parte occidental donde son los reynos de Fez de Marruecos" would be better equipped. They wore body protection, "cotas de malha y capacetes", "[...] gente mui luzida y bien armada de gentiles cotas, coracinas y capacetes, com sus lanças y adargas" (Torres, 1984, p. 142). The truth is we do not have any iconographic sources to support an identification of the typology. The only available information is the reference to "una cota de malla *jazarina* bestida debaxo de la marlota [...]" (Torres, 1984, p. 135). It is not clear what jazarina means. This term of Algerian (Torres, 1984, p. 135) origin may be related to the Arab origins of the armour but it may also have an Ottoman origin, considering that Algiers was tied to the authority – and influence – of the *Porte*. The spears were short, "de veynte y cinco palmos" and had "adargas de ante, y destas tienen muchas muy buenas" (Carvajal, 1951, p. 43), and were more suited to charges and hand-to-hand combat. As to the – cristianescas – the term may refer to the traditional Moroccan nimchas with European-made, even if slightly curved blades, or to the straight-bladed flissa of Algerian origin.

This contingent included yet another type of cavalry, closer to the Arab Andalusian tradition, the *ginetes*, as can be deduced from Mármol Carvajal's statement:

26. This description is confirmed by the *Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007.



10. Espada marroquina *Nimcha*.
Nimcha Moroccan sword.



11. Guardas espada de influência europeia.
European-styled sword guards.

"ginetes". É o que se pode deduzir da afirmação de Mármol Carvajal: "[...] algunos de a cavallo acostumbran tracer en las peleas seys o siete lancuelas como dardos, para arrojar [...]" (Carvajal, 1951, p. 43). É, aliás, uma modalidade vulgarizada nos reinos cristãos peninsulares, tal como nos *presídios* portugueses de Marrocos (*Crónica do Xarife Mulei Mahamet...*, 1987). Se atendermos ao que Oxeda nos relata, "de todo este numero, la decima parte se pude llamar cavalleria" (Oxeda, 1905, p. 593), concluímos que os *"ginetes"* e os cavalos da "parte Oriental de Fez" somavam a fatia mais numerosa do contingente montado sádida. Contudo, é difícil de discernir qual a sua real dimensão. Apenas nos podemos socorrer dos cronistas cristãos, tendo em consideração a dificuldade em estimar o efectivo de tipo de cavalaria que combatia de forma tão dispersa, sobretudo quando comparada com as formações compactas dos europeus.

	Cavalaria	Infantaria
1542[27] Rei de Fez	30 000	800 *turcos* e *renegados*
Xarife	30 000	1 800 *turcos*, *renegados* e árabes
1545[28] Rei de Fez	18 000	700 *turcos* de Argel
1547[29]	9-10 000	5 000?
1553[30]	30 000	10-12 000
1575[31] Abd al-Malik	1 000	4 000 *turcos*, 5 000 *azuagos* e *xarquis*
1576[32] Rei de Fez	50 000	30 000
1578[33] *makhazania Marraquexe*	1 000 *sipahis*	2 500 *andaluzes* e *renegados*

A desproporção entre tropas a pé e montadas pode ter sido, de facto, uma realidade – ainda que sem uma disparidade tão vincada – mesmo se a pouca relevância da infantaria atribuída por Torres resultar no

27. Torres, 1984, p. 138.
28. Carvajal, 1951, p. 254.
29. Torres, 1984, p. 237.
30. Torres, 1984, p. 243.
31. Torres, 1984, p. 243.
32. *Crónica do xarife Mulei Mahamet...*, 1987, p. 44.
33. *Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007, p. 18.

"[...] algunos de a cavallo acostumbran tracer en las peleas seys o siete lancuelas como dardos, para arrojar [...]" (Carvajal, 1951, p. 43). Actually, this was a commonplace modality in the peninsular Christian kingdoms as well as in the Portuguese Moroccan *presídios* (*Crónica do Xarife Mulei Mahamet...*, 1987). Taking into consideration Oxeda's account, "de todo este numero, la decima parte se pude llamar cavalleria" (Oxeda, 1905, p. 593), one may conclude that the *"ginetes"* and the horses from the "parte Oriental de Fez" were the largest part of the Saadi mounted contingent. However, its real dimension is difficult to ascertain. We can only have recourse to the Christian chroniclers, bearing in mind the difficulties involved in estimating the numbers of a type of cavalry that fought in dispersed formations, particularly when compared to the compact formations of the Europeans.

	Cavalry	Infantry
1542[27] King of Fez	30 000	800 *turcos* and *renegados*
Xarife	30 000	1 800 *turcos*, *renegados* and arabs
1545[28] King of Fez	18 000	700 *turcos* from Algiers
1547[29]	9-10 000	5 000?
1553[30]	30 000	10-12 000
1575[31] Abd al-Malik	1 000	4 000 *turcos*, 5 000 *azuagos* and *xarquias*
1576[32] King of Fez	50 000	30 000
1578[33] *makhazania Marrakesh*	1 000 *sipahis*	2 500 *andaluzes* and *renegados*

The disproportion between foot and mounted troops may indeed have been real – even if the disparity was not so strong – despite the fact that Torres attaches little relevance to infantry and thus arguably

27. Torres, 1984, p. 138.
28. Carvajal, 1951, p. 254.
29. Torres, 1984, p. 237.
30. Torres, 1984, p. 243.
31. Torres, 1984, p. 243.
32. *Crónica do xarife Mulei Mahamet...*, 1987, p. 44.
33. *Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007, p. 18.

subdimensionamento do efectivo apeado. É possível que este facto decorra de o poder militar sádida se encontrar numa fase formativa. Porque conforme nos approximamos do último quartel do século XVI, a proporção parece aproximar-se de uma quase paridade. O exército que Abd al-Malik levou a Alcácer Quibir parece estar próximo de um equilíbrio: cerca de 22 000 cavalos e 21 000 soldados apeado[34], evolução que parece confirmar-se nos anos seguintes.

	Cavalaria	Infantaria
1581[35] Marraquexe	5-6 000	16 000
1592[36]	20 000	18 000 *turcos*, *renegados* e *xarquis*
[37]	5 000	4 000
[38]	10 000	8 000

Durante a época de Jorge de Henin a tendência da primeira metade do século sofre uma inversão. Os exércitos que surgem durante as guerras civis passam a contar maioritariamente com tropas apeadas, às quais se juntam os contingentes de *aventureiros* – mercenários – cristãos já referidos, *ingleses, flamencos y franceses* (Henin, 1997, p. 56).

	Infantaria	Cavalaria
1607[39]	4 000	8 000
1609[40]	1 500	7 000
Makhzania Marraquexe[41]	500	4 000
1610[42]	800	4 000
1610-12 *Makhzania* Fez[43]	500	2 000
[44]	150	500
[45]	1 500	6 000
[46]	3 000	2 000
[47]	2 000	5 000
1612 Marabout army[48]	1 500	2 500 + 6 000 *alarves*

34. Estimating the Muslim forces at the battle of Alcácer Quibir still remains an open issue as far as the cavalry contingent is concerned. The starting point is the total mentioned in this *document ottoman*, upon which the estimates of the various chroniclers are based (El Moudden, 1993).

35. *Crónica de Almansor*, 1997, p. 57.

36. *Crónica de Almansor*, 1997, p. 207.

37. *Crónica de Almansor*, 1997, p. 221.

38. *Crónica de Almansor*, 1997, p. 277.

39. Henin, 1997, p. 71.

40. Henin, 1997, p. 82.

41. Henin, 1997, p. 85.

42. Henin, 1997, p. 89.

43. Henin, 1997, p. 99.

underestimates the numbers of foot soldiers. It is possible that this results from the fact that the Saadi military power was still building up. As a matter of fact, closer to the last quarter of the 16th century the proportion seems to reach a near parity. The army Abd al-Malik took to Ksar el-Kebir seems to be close to a balance: about 22 000 horse and 21 000 foot[34]; this evolution seems to be confirmed in the following years.

	Cavalry	Infantry
1581[35] Marrakesh	5-6 000	16 000
1592 [36]	20 000	18 000 *turcos*, *renegados* and *xarquias*
[37]	5 000	4 000
[38]	10 000	8 000

During the time of Jorge de Henin, the tendency from the first half of the century is inverted. The armies arising during the civil wars were mostly composed of foot soldiers, along with the aforementioned contingents of Christian *adventurers* – mercenaries –, *ingleses, flamencos y franceses* (Henin, 1997, p. 56).

	Infantry	Cavalry
1607[39]	4 000	8 000
1609[40]	1 500	7 000
Makhzania Marrakesh[41]	500	4 000
1610[42]	800	4 000
1610-12 *Makhzania* Fez[43]	500	2 000
[44]	150	500
[45]	1 500	6 000
[46]	3 000	2 000
[47]	2 000	5 000
1612 Marabout army[48]	1 500	2 500 + 6 000 *alarves*

34. Estimating the Muslim forces at the battle of Ksar el-Kebir still remains an open issue as far as the cavalry contingent is concerned. The starting point is the total mentioned in this *document ottoman*, upon which the estimates of the various chroniclers are based (El Moudden, 1993).

35. *Crónica de Almansor*, 1997, p. 57.

36. *Crónica de Almansor*, 1997, p. 207.

37. *Crónica de Almansor*, 1997, p. 221.

38. *Crónica de Almansor*, 1997, p. 277.

39. Henin, 1997, p. 71.

40. Henin, 1997, p. 82.

41. Henin, 1997, p. 85.

42. Henin, 1997, p. 89.

43. Henin, 1997, p. 99.

44. Henin, 1997, p. 110.

Os *alarves*, e a *gente de Roma*

Por fim, há que falar dos chamados *alarves*, que se juntavam aos exércitos com um único propósito: o saque. Não eram soldados, porque não recebiam qualaquer soldo, e não se tratava de um contingente levantado por um qualquer governador regional. São homens que se juntam às colunas militares na mira de se apoderarem de uma porção dos despojos. A sua lealdade é das mais flutuantes, e por essa razão não são bem acolhidos por um comandante experiente. Abd al-Malik, que em 1576 conseguiu uma importantíssima vitória pela mudança de campo dos *andaluzes*, estava ciente da facilidade com que os humores dos *alarves* se podiam alterar. E de facto foram os voluntários das *cabildas* nas imediações do campo de batalha que, na altura em se desenhava a derrota dos exército de Abd al-Malik, saqueraram a bagagem dos próprios correlegionários de fé[49]. Os cronistas cristãos conhecem bem esta realidade, em especial os veteranos do dia 4 de Agosto de 1578, despojados por centenas – milhares – de homens "mal vestidos e pior armados, gente vil e de pouco ânimo" (*Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007, p. 27). É a "gente de Roma" de que fala Luís de Oxeda, "que assi llaman a los soldados de de novo se levantan para las guerras que se les offreçen [...] los qualles no sirven entre los demas, sino de bulto" (Oxeda, 1905, p. 593), e que outro cronista descreve como "gente de bestas e azagaias e outras armas ordinárias a seu modo, e costume" (*Jornada del-rei D. Sebastião…*, 1978, p. 83).

ORDEM DE BATALHA

A "escola militar" da Turquia é fundamental para analisar as várias ordens de batalha do exército sádida ao longo do século XVI. Podemos mesmo dizer que é a configuração *em meia-lua* que, antes de mais, que os cronistas apontam como a principal influência otomana: "le horden Turquesca, como este dia dio, haciendo de toda la su gente a pie un esquadron lunado, o semilunar" (Oxeda, 1905, p. 603). Como se organizava então o dispositivo militar otomano?

O núcleo consisitia no sultão, que ocupava centro do dispositivo, rodeado pelos contigentes *kapu kulu*, ou seja, as tropas que recebiam soldo. A infantaria desdobrava-se a partir do posto de comando, as tendas do sultão; os *yeniçeri* no meio, a artilharia numa posição fortificada, e os *sipahi* dispostos em duas alas (Aksan, 1999, p. 147-175). Os restantes contingentes

44. Henin, 1997, p. 110.

45. Henin, 1997, p. 113.

46. Henin, 1997, p. 114.

47. Henin, 1997, p. 134.

48. Henin, 1997, p. 138.

49. "[…] *Foi azo de que os Alarves, gente sem fé e sem ânimo, saqueando a bagagem, fugiram levando a nova de Maluc ficava vencido* […]" (*Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007, p. 30).

The *alarves* and the *gente de Roma*

Finally, the so-called *alarves* must be mentioned as well, people who joined the armies with a single purpose: plunder. They were not soldiers because they did not receive any pay and this was not a contingent raised by any regional governor. These men joined the military columns hoping to seize a share of the spoils of war. They were not welcome by experienced commanders due to their shifting loyalties. Abd al-Malik, who achieved an extremely important victory in 1576 thanks to the fact that the *andaluzes* changed sides, was well aware of how easily the moods of the *alarves* could be changed. In fact, the *cabildas* volunteers that were close to the battlefield were the ones who plundered the baggage of their own coreligionists when Abd al-Malik's army seemed to be facing defeat[49]. Christian chroniclers knew this for a fact, particularly the August 4th 1578 veterans who were despoiled by hundreds – thousands – of men who were "mal vestidos e pior armados, gente vil e de pouco ânimo" (*Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007, p. 27). This is the "gente de Roma" mentioned by Luís de Oxeda, "que assi llaman a los soldados de de novo se levantan para las guerras que se les offreçen […] los qualles no sirven entre los demas, sino de bulto" (Oxeda, 1905, p. 593), and described by another chronicler as "gente de bestas e azagaias e outras armas ordinárias a seu modo, e costume" (*Jornada del-rei D. Sebastião…*, 1978, p. 83).

ORDER OF BATTLE

The Turkish "military school" must be taken into account in order to analyse the various orders of battle of the Saadi army during the 16th century. It can even be said that, above all, the *half-moon* formation is pinpointed by the chroniclers as the main Ottoman influence: "le horden Turquesca, como este dia dio, haciendo de toda la su gente a pie un esquadron lunado, o semilunar" (Oxeda, 1905, p. 603). So, how was the Ottoman battle array organized?

The core was the sultan, situated in the centre of the array and surrounded by the *kapu kulu* contingents, i.e. the salaried troops. Infantry was deployed on both sides of the command post, the sultan's tents; the *yeniçeri* in the middle, the artillery in a fortified position and the *sipahi* deployed in two wings (Aksan, 1999, p. 147-175). The remainder of the contingents were deployed from this central position: the great masses of *timariots* manoeuvred on the army's flanks with the

45. Henin, 1997, p. 113.

46. Henin, 1997, p. 114.

47. Henin, 1997, p. 134.

48. Henin, 1997, p. 138.

49. "[…] *Foi azo de que os Alarves, gente sem fé e sem ânimo, saqueando a bagagem, fugiram levando a nova de Maluc ficava vencido* […]" (*Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007, p. 30).

desdobravam-se a partir desta posição central: as grandes massas de *timariots* evoluíam nos flancos do exército com o objectido de cercar o adversário; na frente, parte das tropas irregulares lançava os primeiros assaltos de forma a provocar uma investida menos articulada ou mais irreflectida; na retaguarda, a restante parte do contingente irregular guardava a retaguarda e a bagagem.

> [...] *Ahead of them ranged* akinci *light cavalry, whose task was to draw the enemy towards the* azaps. *They in turn would absorb his charge, then move aside to allow the artillery and janissaries to open fire. Finally, the flanking* sipahis *would attack and, where possible, surround the foe* [...]. (Nicolle, 1988, p. 7)

A partir de algumas das batalhas que tiveram lugar durante a ascenção e consolidação do poder dos Sádidas, veremos como foi plasmado este modelo militar no espaço geográfico do Magrebe Ocidental.

Oued Derna (1545)

Esta batalha teve lugar durante as lutas entre oatássidads e sádidas (1541-45) (Cook Jr., 1994, p. 200-208). O encontro segue-se uma série de encontros feridos nas faldas do Alto Atlas, na zona de Marraquexe, *"en el camino real que va de Marruecos a Tarudante"*[50]. Os sádidas puseram em campo um dispositivo *semilunar*, formatura diferente daquela utilizada na primeira vitória sobre os seus rivais, a batalha de Abu Aqba (1536). Os oatácidas, sucessivamente derrotados nas batalhas que precederam Derna, receberam poucos dias antes um importante reforço de *renegados* e *turcos* provenientes de Argel. Contudo a ordem de batalha seguiu um esquema bastante simples, quase decalcado dos dispositivos medievais: um corpo central numeroso, flanqueado por outros dois com menor dimensão.

O exército do *xarife* estava dividido em sete *esquadrones*, desdobrados de maneira a que *todos juntos formavam una media luna, y en las dos puntas*, na retaguarda por detrás da artilharia, estava a cavalaria mais escolhida: "cinco mil de a cavallo, gente mui luzida y bien armada de gentiles cotas, coracinas y capacetes, com sus lanças y adargas". Em frente dos canhões, "entre los dos cuernos ivan todos los escopeteros de a cavallo, Turcos y renegados y Gazules" (Torres, 1984, p. 142).

Estamos em presença de dois dispositivos bem diferentes, um algo arcaico, outro de influência otomana. A guerra que Muhammad al-Shaiq moveu contra os otomanos de Argel (1551-59) pode lançar algumas luzes interessantes. Torres descreve o efeito das armas de fogo argelinas sobre a cavalaria sádida: "los cavallos

50. [...] *Vino a esperar al ermano en un paso de los Montes a las vertentes diellos, hazia al Norte y a la parte de Marruecos* (Torres, 1984, p. 123).

purpose of surrounding the foe; up front, a part of the irregular troops launched the first assaults in order to provoke a less ordered or more impetuous enemy onrush; on the rear, the remainder of the irregular contingent protected the rearguard and the baggage.

> [...] *Ahead of them ranged* akinci *light cavalry, whose task was to draw the enemy towards the* azaps. *They in turn would absorb his charge, then move aside to allow the artillery and janissaries to open fire. Finally, the flanking* sipahis *would attack and, where possible, surround the foe* [...]. (Nicolle, 1988, p. 7)

By looking into some of the battles that took place during the rise and consolidation of the Saadi power, we shall see how this military scheme was applied to the Western Maghreb geographical space.

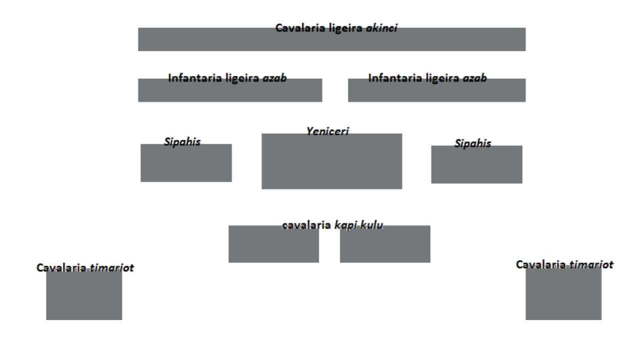
Oued Derna (1545)

This battle took place during the struggles between the Wattasid and the Saadi (1541-45) (Cook Jr., 1994, p. 200-208). This engagement followed a series of clashes on the foothills of the High Atlas, in the Marrakesh region, *"en el camino real que va de Marruecos a Tarudante"* [50]. The Saadi fielded a *half-moon* formation, different from the battle array used in their first victory over their rivals, in the battle of Abu Aqba (1536). The Wattasid, successively defeated in the battles preceding Dema, had received considerable reinforcements a few days before: *renegados* and *turcos* from Algiers. However, their order of battle followed a rather simple scheme, quite similar to the medieval arrays: a numerous central corps flanked by two smaller ones.

The xarife's army was divided into seven "esquadrones deployed in such a way that todos juntos formavam una media luna, y en las dos puntas"; on the rearguard and behind the artillery was the best cavalry: "cinco mil de a cavallo, gente mui luzida y bien armada de gentiles cotas, coracinas y capacetes, com sus lanças y adargas." Ahead of the cannons, "entre los dos cuernos ivan todos los escopeteros de a cavallo, Turcos y renegados y Gazules" (Torres, 1984, p. 142).

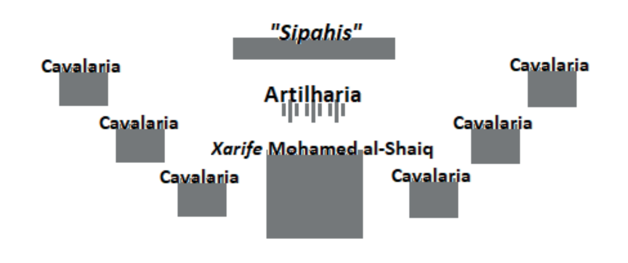
Thus, two quite different battle arrays, one somewhat archaic and the other showing Ottoman influence. The war waged by Muhammad ash-*Sheikh* against the Algiers Ottomans (1551-59) may shed some light on the matter. Torres described the effects of the Algerian firearms against the Saadi cavalry: "los cavallos com el estrurndo de los arcabuzes andavan tan alterados que no eran los dueños señores dellos" (Torres, 1984, p. 225). This is a curious remark because, as Cook Jr. rightly mentions (Cook Jr., 1994, p. 220), the arquebuses were already commonplace in Morocco. Perhaps the Saadi had to face

50. [...] *Vino a esperar al ermano en un paso de los Montes a las vertentes diellos, hazia al Norte y a la parte de Marrueco* (Torres, 1984, p. 123).

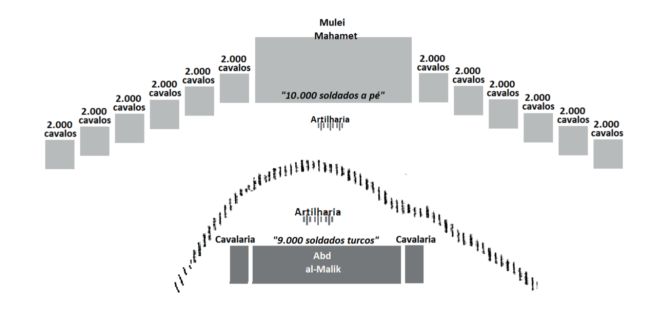


12. Ordem de batalha otomana, meados do século XV (segundo Ian Heath, 1982).
Ottoman battle array, mid-15th century (according to Ian Heath, 1982).

13. Ordem de batalha otomana na batalha de Mohács (1526) segundo Oman, 1987.
Ottoman battle array at the battle of Mohács (1526) according to Oman, 1987.



14. Ordem de batalha na batalha de Oued Derna (1545), segundo A. Dziubinsky, 1970.
Battle array at the battle of Oued Derna (1545), according to A. Dziubinsky, 1970.



15. Batalha de ar-Rukn (16 de Março de 1576).
Battle of ar-Rukn (March 16th 1576).

com el estrurndo de los arcabuzes andavan tan alterados que no eran los dueños señores dellos" (Torres, 1984, p. 225). Curiosa indicação porque, como Cook Jr. bem notou (Cook Jr., 1994, p. 220), porque os arcabuzes já estavam vulgarizados em Marrocos. Podemos suspeitar que os sádidas tiveram de enfrentar grandes massas de atiradores, que desenvolviam um tipo de fogo contínuo à semelhança dos *yaniçeri* otomanos[51].

Ar-Rukn e Khaynuqa-r-Rayhan, 16 Março e 14 Julho 1576[52]

Na batalha de ar-Rukhn, perto de Fez[53] temos novamente formaturas bastantes diferentes, embora um cronista lhes atribua a mesma filiação: "segundo costume dos turcos" (*Crónica do xarife Mulei Mahamet…*, 1987, p. 44-45). O exército oatácida, claramente mais numeroso – cerca de 24 000 cavalos e 10 000 soldados

great masses of riflemen who were able to keep some type of continuous fire, like the Ottoman *yaniçeri*[51].

Ar-Rukn and Khaynuqa-r-Rayhan, March 16th and July 14th, 1576[52]

At the battle of ar-Rukhn, near Fez[53], there were again very different formations, to which a chronicler attributes the same filiation: "segundo costume dos turcos" (*Crónica do xarife Mulei Mahamet…*, 1987, p. 44-45). The Wattasid army, with a clear numerical superiority – about 24 000 horse, 10 000 foot and 35 cannons (Baptista, 1986, p. 92) –, deployed in a *half-moon* formation with the infantry on the centre "em nove fileiras" (*Crónica do xarife Mulei Mahamet…*, 1987, p. 5). Abd al-Malik occupied the top of a hill and deployed the infantry in a compact formation, aiming at striking a devastating attack to cause and support

51. *We also know that the Janissaries prefered several rows of deep formations and achieved a continuous barrage off ire by rotating rows forward* (Uyar e Erickson, 2009, p. 42-43).

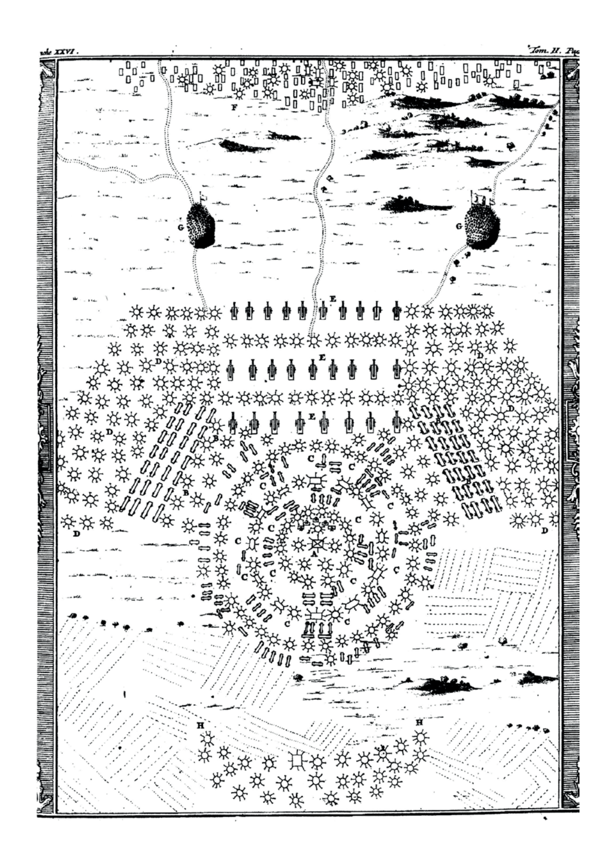
52. Segundo Garcia-Arenal, 2009, a batalha teve lugar a 17 de Março de 1576; Dziubinsky, 1970, refere 29 de Junho do mesmo ano (*Crónica do xarife Mulei Mahamet…*, 1987, p. 44).

53. […] *Em Ourrochum, sete legoas de Fez* (Cruz, v. 1, 1903, p. 109).

51. *We also know that the Janissaries preferred several rows of deep formations and achieved a continuous barrage of fire by rotating rows forward* (Uyar and Erickson, 2009, p. 42-43).

52. According to Garcia-Arenal, 2009, the battle took place on March 17th, 1576; Dziubinsky, 1970, refers to June 29th of the same year (*Crónica do xarife Mulei Mahamet…*, 1987, p. 44).

53. […] *Em Ourrochum, sete legoas de Fez* (Cruz, v. 1, 1903, p. 109).



16. Exército otomano em marcha, diagrama de Marsigli (1732).
Ottoman army on the march, diagram by Marsigli (1732).

a pé e 35 canhões (Baptista, 1986, p. 92) – desdobrou-se em forma *semilunar*, a infantaria ao centro repartida "em nove fileiras" (*Crónica do xarife Mulei Mahamet…*, 1987, p. 5). Abd al-Malik ocupou o topo de uma colina, e organizou a infantaria numa formatura compacta com a intenção de desferir um ataque fulminante para provocar e apoiar a deserção – préviamente acordada – dos 2 000 *andaluzes* de al-Dogali: "um só corpo de infantaria quadrangular, mais ancho por fronte que grosso nem comprido por lados" (*Crónica do xarife Mulei Mahamet…*, 1987, p. 45).

Na batalha que se seguiu, Khaynuqa-r-Rayhan, Abd al-Malik dividiu o exército em cinco esquadrões. Juan Batista descreve um dispositivo "en triangulo"; de facto, mais à frente, refere um destes *esquadrões – comandado* "sobrino suyo llamado Muley Nasçar" – em posição avançada, "mas adelante" (Batista, 1986, p. 104). Provavelmente trata-se de um dispositivo de marcha, transposto para ordem de batalha, como podemos ver no notável esquema de Marsigli.

Alcácer Quibir, 4 de Agosto de 1578

A derrota de al-Mutawakkil em Ar-Rukn e Khaynuqa-r-Rayhan foi completa mas não definitiva. Refugiado no Atlas, auxiliado pelos morábitos sufis da confraria *Yazulyya*, antigos apoiantes dos sádidas, foi novamente vencido em vários encontros desde Outubro de 1576 e o verão de 1577 (García-Arenal, 1984, p. 194). A entrega de Arzila em Julho de 1577

the – previously agreed – desertion of al-Dugali's 2 000 *andaluzes*: "um só corpo de infantaria quadrangular, mais ancho por fronte que grosso nem comprido por lados" (*Crónica do xarife Mulei Mahamet…*, 1987, p. 45).

In the following battle, Khaynuqa-r-Rayhan, Abd al-Malik divided his army into five *esquadrões*. Juan Batista describes an array *"en triangulo"* and, further on, refers to one of these *esquadrões* – under the command of a "sobrino suyo llamado Muley Nasçar" – in an advanced position, "mas adelante" (Batista, 1986, p. 104). This is probably a marching order transposed into the battle order, as can be seen on Marsigli's remarkable scheme.

Ksar el-Kebir, August 4th, 1578

Al-Mutawakkil's defeats at Ar-Rukn and Khaynuqa-r-Rayhan were complete but not final. He took refuge in the Atlas, with the help of Sufi marabouts from the *Yazulyya* fraternity, the former supporters of the Saadi, but was beaten again in several encounters between October 1576 and the summer of 1577 (García-Arenal, 1984, p. 194). The handover of Asilah in July 1577 precipitated the Portuguese involvement. Despite al-Mutawakkil's misfortunes, the simple fact that he was ready to return to the fight, and now benefitting from the support of the Portuguese king, meant that the final result was uncertain. Once again, Al-Dugali would be at the core of the events, under suspicion of instigating a conspiracy involving some of the main *alcaides*, al-Gurri, Zarkun and Ridwan[54]. Abd al-Malik ended up being poisoned shortly before reuniting with his brother Ahmad, in Salé, and in the day before the battle measures were still being enforced to keep the troops from deserting or, even worse, changing sides as happened two years before at er-Rukn (*Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007, p. 22).

When Dom Sebastião landed at Asilah, abd al-Malik was in the region of Taroudant to deal with a revolt. He was accompanied by the troops from the Marrakesh *makhazaniya*, 2 500 *andaluzes* and *renegados* riflemen, 1 000 *sipahis*, and 14 000 horse and was joined in Salé by the 13 000 riflemen (*Crónica do Xarife Mulei Mahamet…*, 1987) and 15 000 horse (Cruz, 1903, vol. 2, p. 44) recruited by his brother Ahmad (al-Mansur, after his victory at the battle of Ksar el-Kebir) in the region of Fez.

Military forces

The battle of Ksar el-Kebir is described in numerous sources, many of which were written by veterans. However, it is difficult to combine the huge amount of often contradictory details referred to by the chroniclers. Realizing the actual numbers of the Saadi army is the main problem. The union of the territory under a single government enabled pooling

54. On the subject of this conspiracy, see Garcia-Arenal, 1984, p. 198-200.

precipitou a entrada em cena dos portugueses. Apesar dos desaires sofridos por al-Mutawakkil, o simples facto que se encontrar pronto para voltar à luta, e agora usufruindo do apoio do rei português, mantinha a incerteza no desfecho final. Al-Dogali, uma vez mais, iria encontrar-se no centro dos acontecimentos, suspeito de promover uma conjura onde encontramos os nomes de alguns dos principais *alcaides*, al-Gurri, Zarkun e Ridwan[54]. Abd al-Malik acabou por ser envenenado pouco antes de se reunir com o irmão Ahmad, Salé, e na véspera do dia da batalha ainda se impunham medidas para prevenir as tropas de desertar ou pior, trocar de partido como havia sucedido dois anos antes em er-Rukn (*Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007, p. 22).

Quando D. Sebastião desembarcou em Arzila, Abd al-Malik encontrava na região de Tarudante, onde persisitia um núcleo de revolta. Seguiam com ele as tropas da *makhazaniya* de Marraquexe, 2 500 atiradores *andaluzes e renegados* e 1 000 *sipahis*, mais 14 000 cavalos. Em Salé reuniu-se com os 13 000 atiradores (*Crónica do Xarife Mulei Mahamet…*, 1987) e 15 000 cavalos (Cruz, 1903, v. 2, p. 44) que Ahmad, seu irmão (o futuro Almalsur, por vencer a batalha de Alcácer Quibir) havia recrutado na região de Fez.

Efectivos

A batalha de Alcácer Quibir está descrita em numerosas fontes, muitas delas escritas por veteranos. Porém, é difícil conciliar a enorme quantidade de detalhes avançados pelos cronistas, muitas vezes contraditórios entre si. Perceber quais os efectivos reais do exército sádida consiste no principal problema. A união do território sob um único governo permitiu juntar os recursos do sul e norte de Marrocos. O exército de Abd al-Malik possuía, portanto, um elevado número de tropas "regulares" e, mais que isso, experimentadas por décadas de guerras. É impossível assegurar qual o efectivo total do exército, pois a fontes são discordantes. A estimativa mais realista parece ser de D. Duarte de Meneses (*Relação de Duarte de Meneses*, 1905) que aponta um total de 38 000 homens (10 000 a pé e 18 000 a cavalo)[55].

Makhazania	Comandante	Efectivo
Atiradores a pé, *renegados*	*Mahomet Tabâ* ou *Uchaali*[56]	2 500
Atiradores a pé, *turcos*		1 000

54. A propósito desta conjura, v. Garcia-Arenal, 1984, p. 198-200.

55. No documento dirigido ao Beylerbey de Argel já referido, estimam-se as forças de Abd al-Malik em 40-50 000 homens (El Moudden, 1993); para Conestaggio seriam 11 500 homens a pé e 25 000 a cavalo.

56. Mendonça, 1904.

57. *Azaneserin na Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007; *Guali segundo Mendonça*, 193.

the resources from the south and north of Morocco. Therefore, Abd al-Malik's army had a considerable number of "regular" troops and, even more important, troops that had experienced decades of wars. It is impossible to ascertain the total numbers of the army, due to the discordant accounts of the various sources. Dom Duarte de Meneses's estimate (*Relação de Duarte de Meneses*, 1905) seems to be the more realistic one: a total of 38 000 men (10 000 foot and 18 000 horse)[55].

Makhazania	Commander	Force
Foot riflemen, *renegados*	*Mahomet Tabâ* or *Uchaali*[56]	2 500
Foot riflemen, *turcos*		1 000
Foot riflemen, *andaluzes*	*Azaneserin* or *Guali*[57]	3 000
Foot riflemen, *azuagos*	*Bahamut and Hasem Suero*[58]	4 000
Foot riflemen, *gazulas*	*Guifer*[59]	3-4 500
Foot riflemen, *xarquias*		1 000
Mounted riflemen, *sipahis*	*Hozen* or *Osarin de Raguse*	2-3 000
Volunteers, *alarves*		
Sharif's guard	Ridwan (Reduão)	
Foot riflemen and halberdiers, *renegados*		200
turcos		50
Baggage	*Açarian*, *Hazen* or *Hacercon*[60]	
Other contingents		
Cavalry, *cavaleria del Algarbe*	Ahmad, the *xarife*'s brother	10 000[61]
Heavy cavalry, *selected*		1 000
Cavalry, *Sus*	Muhammad Zarqun	10 000[62]
Heavy cavalry, *selected*		1 000
Volunteers, *alarves*		

55. According to the aforementioned document addressed to the *Beylerbey* of Algiers, Abd al-Malik's forces were an estimated 40-50,000 men (El Moudden, 1993); Conestaggio refers to 11 500 foot e 25 000 horse.

56. Mendonça, 1904.

57. *Azaneserin na Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007; *Guali segundo Mendonça*, 193.

58. *Jornada del-rei D. Sebastião a África…*, 1978; *Cacime, Hacen y Abrahen* segundo outros cronistas.

59. *Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007.

60. […] *Que pusesse buena guarda en el Almahala, que assi llaman a sus tiendas y bagajes* […] (Mesa, 1630, p. 68-68v).

61. The difficulties in estimating their numbers have already been addressed.

62. See previous note.

Atiradores a pé, *andaluzes*	*Azaneserin* ou *Guali* [57]	3 000
Atiradores a pé, *azuagos*	*Bahamut e Hasem Suero* [58]	4 000
Atiradores a pé, *gazulas*	*Guifer*[59]	3-4 500
Atiradores a pé, *xarquias*		1 000
Atiradores montados, *sipahis*	*Hozen* ou *Osarin de Raguse*	2-3 000
Voluntários, *alarves*		
Guarda do *xarife*	Ridwan (Redução)	
Atiradores e alabardeiros a pé, *renegados*		200
turcos		50
Bagagem	*Açarian*, *Hazen* ou *Hacercon* [60]	
Outros contingentes		
Cavalaria, *cavaleria del Algarbe*	Ahmad, irmão do *xarife*	10 000[61]
Cavalos pesados, *escolhidos*		1 000
Cavalaria, *Sus*	Muhammad Zarqun	10 000[62]
Cavalos pesados, *escolhidos*		1 000
Voluntários, *alarves*		

O local da batalha

A batalha terá tido lugar em *douar* Suaken, sítio onde se ergue um pequeno morábito onde estaria a liteira de Abd al-Malik. Podemos identificar alguns dos acidentes topográficos descritos pelos cronistas mais credíveis[63]. O mais importante seria uma colina onde se desenvolve a actual povoação: "[…] conquanto aquele campo é chão, todavia tem nesta parte um modo de quebrada que desce de uma topetada de pouca subida […]" (*Crónica do Xarife Mulei Mahamet …*, 1987, p. 191).

Este *"cabeço"* (*Jornada del-rei D. Sebastião a África…*, 1978, p. 105) encontrava-se entre os dois exércitos: "[…] onde os mouros de manifesto ficavam cobertos, por estar o seu exército prantado em forma de curva". Portanto, a colina impedia os cristãos de vislumbrar todo o dispositivo inimigo" […] e como eram tantos que apareciam por todas as partes, via-se grande multidão deles mais ao longe além da quebrada encoberta, que tinha o baixo do vale que ficava no meio, por

58. *Jornada del-rei D. Sebastião a África…*, 1978; *Cacime, Hacen y Abrahen* segundo outros cronistas.

59. *Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007.

60. […] *Que pusesse buena guarda en el Almahala, que assi llaman a sus tiendas y bagajes* […] (Mesa, 1630, p. 68-68v).

61. A dificuldade em estimar este efectivo já foi abordada.

62. Ver nota anterior.

63. Como o exército sádida estava parcialmente encoberto, os soldados da frente tiveram dificuldade em perceber a configuração.

The site of the battle

The battle probably took place at *douar* Suaken, the site of a small marabout where Abd al-Malik's litter was probably situated. Some topographic features are identifiable, as described by the more reliable chroniclers[63]. The most outstanding feature was a hill, where the present-day village stands: "[…] conquanto aquele campo é chão, todavia tem nesta parte um modo de quebrada que desce de uma topetada de pouca subida […]" (*Crónica do Xarife Mulei Mahamet …*, 1987, p. 191).

This *"cabeço"* (*Jornada del-rei D. Sebastião a África…*, 1978, p. 105) was situated between the two armies: "[…] onde os mouros de manifesto ficavam cobertos, por estar o seu exército prantado em forma de curva". Therefore, the hill was hiding a part of the enemy battle array from the Christians" […] e como eram tantos que apareciam por todas as partes, via-se grande multidão deles mais ao longe além da quebrada encoberta, que tinha o baixo do vale que ficava no meio, por onde os que nos estavam mais chegados não eram divisados do nosso campo[…]" (*Crónica do Xarife Mulei Mahamet …*, 1987, p. 191). The artillery was placed on the top of this height and camouflaged, in order to hide the guns from the foe: "[…] as peças cobertas com ramos […]"[64]. This was a variant of the Ottoman practice of concealing the artillery behind a first line of troops[65]. The chroniclers agree on the number of guns, between 22 and 24[66], and yet another three out of *quatro peças de artilharia grossas* cast at Salé and belonging to Ahmad's contingent. It was one of these bombards that gave the signal to start the battle[67].

Battle order

The substantial numbers of Abd al-Malik's army enabled a battle array that closely followed the classical Ottoman formation, more than at any other occasion during the Saadi period. Still, it is difficult to unravel the exact battle order from among the mishmash of details referred to by the chroniclers.

The generic description "lunado, o semilunar, que laman […]", is related to the "orden Turquesca" (Oxeda, 1905, p. 603). The Ottoman battle array was centered in the sultan's position and this is where Abd al-Malik placed a "praça de quarenta passos em quadra"[68], with

63. As the Saadi army was partially concealed, it was difficult for the front-line soldiers to perceive the configuration.

64. […] *Pareciam montinhos de um mato baixo de tamrgueiras, que há por aquele campo del ongo do rio, de uma rama espinhosa, de modo de carrapetos* […] (*Crónica do Xarife Mulei Mahamet …*,1987, p. 192).

65. Mohammad Cheik used the same stratagem in the battle of *oued Derna*.

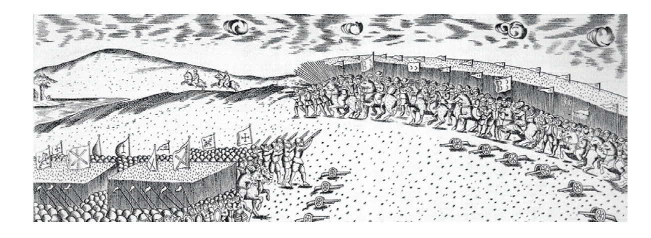
66. Forty cannon according to Mendonça.

67. The *"bombarda grande"* (Oxeda, 1905, p. 606).

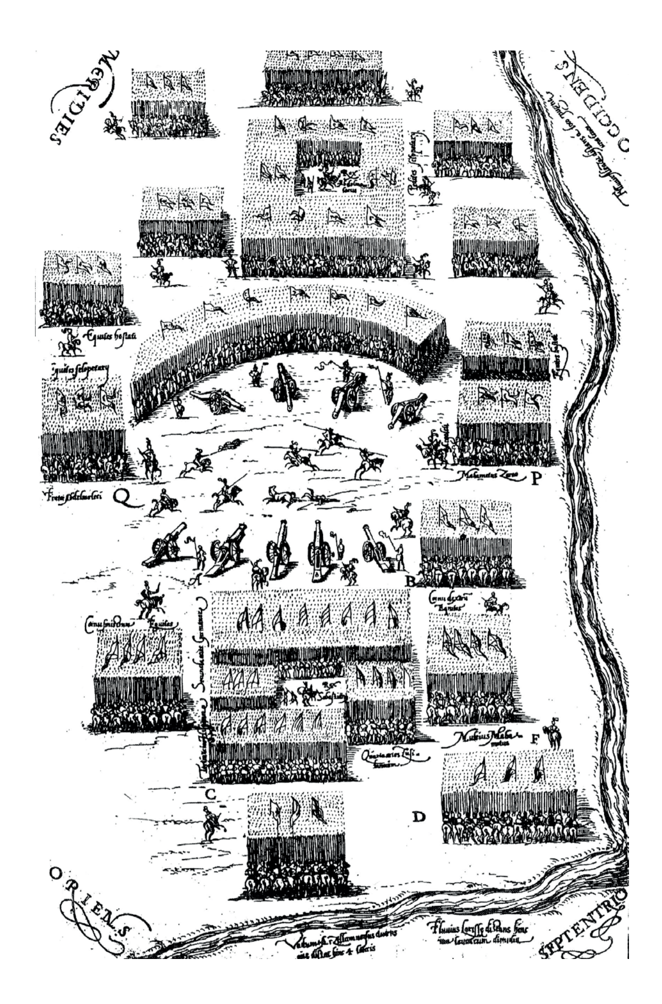
68. […] *Un disposition inspirée de celle d'un champ nomade (douar) don't la defense était constitueé par cês tents tenant d'une A´l'autre* (Dziubinsky, 1972, p. 74).



17. O local da batalha de Alcácer Quibir, 2015.
The site of the battle of Ksar el-Kebir, 2015.



19. Batalha de Alcácer Quibir (pormenor), Miguel Leitão de Andrada (1629).
Battle of Ksar el-Kebir (detail), Miguel Leitão de Andrada (1629).



18. Batalha de Alcácer Quibir, Frei Luís Nietto (1578).
Battle of Ksar el-Kebir, Frei Luís Nietto (1578).

onde os que nos estavam mais chegados não eram divisados do nosso campo [...]" (*Crónica do Xarife Mulei Mahamet ...*, 1987, p. 191). A artilharia foi colocada no topo desta elevação, camuflada para esconder os canhões da vista do adversário: "[...] as peças cobertas com ramos [...]"[64]. Esta era uma variante da prática otomana de encobrir a artilharia com uma primeira linha de tropas[65]. Os cronistas são concordantes quanto

his personal guard of "cinquenta turcos seus moços de estribeira, e de duzentos renegados escopeteiros e alabardeiros, que eram de sua guarda ordinária [...]"[69].

The best soldiers were grouped around this position, the *renegados* on the left and the *azuagos* on the right. The other *mazaganiya* contingents were deployed ahead, on the flanks – "nas espaldas" (Oxeda, 1905, p. 604). The infantry was again deployed in massive *esquadrões*[70], possibly in the same "forma quadrada" (*Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007, p. 27) used at ar-Rukn. About 1 000 *cavalos escolhidos*[71], deployed "um tanto adiante em forma de meia-lua [...] (*Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007, p. 27), were meant to provide "socorro de los de a pie, que sirven o que a nosotros las mangas en los esquadrones" (Mesa, 1630, p. 69).

The "morisma de Roma" was concentrated on the rearguard, "desde estos a dentro" (Mesa, 1630, p. 69). The detachment commanded by "Mahamet Hacercon que ya lo havian lamado de larache" (Oxeda, 1905, p. 605) was situated here as well. Thus, it was this contingent that defended, without success, the baggage from being plundered when victory seemed to lie with the Christians[72]. "[...] algunos 3 o 4.000 alarves, y passaron por nuestras tiendas, y empesaron a robar, diziendo que veniamos rotos [...]" (*Lettre d'un Medecin Juif ...*, 1905, p. 321). The army's front line consisted of *xarquias* and

64. [...] *Pareciam montinhos de um mato baixo de tamrgueiras, que há por aquele campo del ongo do rio, de uma rama espinhosa, de modo de carrapetos* [...] (*Crónica do Xarife Mulei Mahamet ...*,1987, p. 192).

65. Mohammad Cheik utilizou o mesmo estratagema na batalha do *oued Derna*.

69. Twelve horsemen carried *doze bandeiras de cores diferentes, e uns cabos de cavalos insígnias turquescas que ele muito estimava*. (*Jornada del-rei D. Sebastião a África...*, 1978, p. 103).

70. It is virtually impossible to know how these *esquadrões* were organized. Sebastian de Mesa, a later chronicler whose work is based upon evidence from various testimonies, states that *cada nacion caminava por si en hileras, de cinco en cinco* (p. 69); he is probably referring to *300 y a 400 lanças* (p. 60) under the command of each *alcaide*, something similar to the Ottoman *ortas* (but six times superior in number). Assuming these columns were 5 soldiers wide and 60-80 deep it is possible to extrapolate the configuration of each contingent: the 3 000 *andaluzes*, for example, would consist of 10 such groups, 5 soldiers wide and 60 deep (should the total be 300 spears). As interesting as this exercise can be, it suffers from an almost complete lack of available information.

71. Arguably heavy cavalry, wearing chainmail, helmet and shield.

72. [...] *Desejavam mais roubar que combater, em vendo nos primeiros encontros alguns mouros por se em fugida, arremeteram a guarda da bagagem e roubaram tudo della o que acharam* (*Jornada del-rei D. Sebastião a África...*, 1978, p. 104).

ao número de peças, entre 22 e 24[66]. Juntavam-se ainda três de *quatro peças de artilharia grossas* fundidas em Salé, depois de se reunir ao contingente de Ahmad. Foi uma destas bombardas que deu o sinal para iniciar a batalha[67].

Ordem de batalha

Os efectivos substanciais à disposição de Abd al-Malik permitiram-lhe ensaiar o dispositivo de combate que, no conjunto da cronologia sádida, mais se aproxima da formatura otomana clássica. Contudo, é difícil destrinçar qual a configuração da ordem de batalha por entre a amálgama de detalhes avançadas pelos cronistas.

A descrição genérica "lunado, o semilunar, que laman [...]", está associada com a "orden Turquesca" (Oxeda, 1905, p. 603). O dispositivo otomano centrava-se na posição do sultão, e é nesta posição que Abd al-Malik fez uma "praça de quarenta passos em quadra"[68], com a guarda pessoal de "cinquenta turcos seus moços de estribeira, e de duzentos renegados escopeteiros e alabardeiros, que eram de sua guarda ordinária [...]"[69].

Os melhores soldados agrupavam-se em torno desta posição, os *renegados* na esquerda e os *azuagos* na direita. Os outros contingentes da *mazaganiya* desdobravam-se na frente, pelos flancos – "nas espaldas" (Oxeda, 1905, p. 604). A infantaria seguia formada em *esquadrões* maciços[70], talvez na mesma "forma quadrada" (*Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007, p. 27) de ar-Rukn. Cerca de 1 000 *cavalos escolhidos*[71], que estacionavam "um tanto adiante em forma de meia-lua [...]" (*Jornada de África Escrita por um Homem Africano*, 2007, p. 27), destinados a dar "socorro de los de a pie, que sirven o que a nosotros las mangas en los esquadrones" (Mesa, 1630, p. 69).

66. Quarenta canhões segundo Mendonça.

67. Uma *"bombarda grande"* (Oxeda, 1905, p. 606).

68. [...] *Un disposition inspirée de celle d'un champ nomade (douar) don't la defense était constitueé par cês tents tenant d'une A´l'autre* (Dziubinsky, 1972, p. 74).

69. Doze cavaleiros levavam *doze bandeiras de cores diferentes, e uns cabos de cavalos insígnias turquescas que ele muito estimava.* (*Jornada del-rei D. Sebastião a África...*, 1978, p. 103).

70. É praticamente impossível saber como se organizavam estes *esquadrões.* Sebastian de Mesa, cronista posterior à batalha, mas que se baseia em dados de vários testemunhos diz que *cada nacion caminava por si en hileras, de cinco en cinco* (p. 69); deve referir-se *300 ya 400 lanças* (p. 60) que cada *alcaide* comandava, algo semelhante às *ortas* dos otomanos (embora de efectivo seis vezes superior). Supondo que se tratavam de colunas com cinco soldados de frente e 60/80 de profundidade, podemos extrapolar a configuração de cada contingente: os 3 000 *andaluzes*, por exemplo, seriam constituídos por dez destes grupos como 50 soldados de frente por 60 de profundidade (no caso de se tratar de 300 lanças). Este exercício, embora interessante, peca pela quase inexistência de informação disponível.

71. Depreende-se que se tratava de cavalaria pesada, com cotas de malha, capacete e escudo.

mounted riflemen, "sobresalientes en vanguadia [...] de los que dicen en cadena, porque van 15 ou 20 a la hila compartidos, unos tras otros por toda la frente, que son los primeros que acometen" (Mesa, 1603, p. 69v). The engraving by Andrada suggests that the *sipahis* were intercalated among the first-line soldiers.

Most of the cavalry was distributed upon two large wings, aiming to bypass and surround the enemy array, – "veniendo en forma circular, a tomar en medio los Cristianos" – by maneuvering out of firearm range – "desviadas de la ofensa de nuestra artileria"(Oxeda, 1905, p. 604): "[...] tanto que o exército del-Rei se começou a ir apartando da ribeira para o campo largo, começaram eles também a estender-se caminhando por diante com as pontas do exército ao redor do nosso[...]" (*Crónica do Xarife Mulei Mahamet ...*, 1987, p. 191). These great masses of cavalry were divided into small *esquadrões* – "la levavan en tropas" (Oxeda, 1905, p. 604) –, as seen at oued Derna, for example. Thus, the formula used at Ksar el-Kebir closely followed the Ottoman tactical scheme.

Tondibi, February 13, 1591[73]

Al-Mansur's first concern was providing the expedition with a transport train that allowed it to face an extraordinarily demanding itinerary. This he did by gathering some "mil hombres para gobernar camellos, ocho mil camelos y mil caballos de carga" (Corral Jam, 2000, p. 467), "pera os soldados poderem com comodidade passar os desertos [...]" (*Crónica de Almançor*, 1997, p. 165). Even if these numbers may appear to be an exaggeration, they nevertheless show the importance of the pack-animals that accompanied this army, small as it might be. Another curious aspect of the expedition's logistics is the load of "mucha cantidad de bizcocho" (Corral Jam, 2000, p. 459), a common foodstuff of the European soldiers, but one not referred to by the Islamic sources. The command of the expedition was given to *pasha* Djoudar, an Adulusian, along with ten other officers, four of which were *renegados* (Corral Jam, 2000, p. 459) – one of these *alcaides* was Mahamet Zarco, a commander who influenced the victorious outcome of Ksar el-Kebir (*Crónica de Almançor*, 1997, p. 165).

The expedition's numbers were relatively scarce, about 5,000 men, not counting the auxiliary personnel, "otros mil hombres que llebaban de servicio" (Corral Jam, 2000, p. 467). The troops were *makhazania*, "Dos mill atiradores de a pie, elches y andaluces y moros de nacion de los principales que el tiene, Quinientos escopeteros de a caballo, les mejores de aquí" (Corral Jam, 2000, p. 467), and many were probably Ksar el-Kebir

73. Garcia-Arenal, (*Crónica de Almançor*, 1997, p. 105). The date is still uncertain. The main source on the Songhay military campaign is the *Relacion de l'Anonime Espagnol* attributed to Baltazar Polo (Corral Jam, 2000, p. 77).

A "morisma de Roma" concentrou-se na retaguarda, "desde estos a dentro" (Mesa, 1630, p. 69). Era aqui que se encontrava o destacamento comandado por "Mahamet Hacercon que ya lo havian lamado de larache" (Oxeda, 1905, p. 605). Assim sendo, foi este contingente que defendeu, sem sucesso, as bagagens da pilhagem quando a vitória pareceu inclinar-se para os cristãos[72]: "[...] algunos 3 o 4 000 alarves, y passaron por nuestras tiendas, y empesaron a robar, diziendo que veniamos rotos [...]" (*Lettre d'un Medecin Juif ...*, 1905, p. 321). Na frente do exército estavam os *xarquias* e os atiradores montados, "sobresalientes en vanguadia [...] de los que dicen en cadena, porque van 15 ou 20 a la hila compartidos, unos tras otros por toda la frente, que son los primeros que acometen" (Mesa, 1603, p. 69v). A gravura de Andrada sugere que os *sipahis* se intercalavam entre os soldados da frente.

A maior parte da cavalaria distribuía-se em duas grandes alas, cujo objectivo era contornar e cercar o dispositivo inimigo, – "veniendo en forma circular, a tomar en medio los Cristianos" – executando um largo movimento fora do alcance das armas de fogo – "desviadas de la ofensa de nuestra artileria" (Oxeda, 1905, p. 604): "[...] tanto que o exército del-Rei se começou a ir apartando da ribeira para o campo largo, começaram eles também a estender-se caminhando por diante com as pontas do exército ao redor do nosso [...]" (*Crónica do Xarife Mulei Mahamet ...*, 1987, p. 191). Estas grandes massas de cavalaria estavam divididas em pequenos *esquadrões* – "la levavan en tropas" (Oxeda, 1905, p. 604) – como vimos acontecer em oued Derna, por exemplo. Alcácer Quibir foi, portanto, uma formulação muito próxima do esquema táctico otomano.

Tondibi, 13 de Fevereiro 1591[73]

A primeira preocupação de al-Mansur foi dotar a expedição com um trem de transporte que possibilitasse enfrentar um itinerário extraordinariamente exigente. Reuniram-se cerca de "mil hombres para gobernar camellos, ocho mil camelos y mil caballos de carga" (Corral Jam, 2000, p. 467), "pera os soldados poderem com comodidade passar os desertos [...]" (*Crónica de Almançor*, 1997, p. 165). Embora pareçam números exagerados, demonstram a importância dos animais de carga para acompanhar este exército, mesmo que de pequena dimensão. Outro aspecto curioso da logística da expedição é o transporte de "mucha cantidad de bizcocho" (Corral Jam, 2000, p. 459), alimento comum dos soldados europeus mas que não se encontra referido em fontes islâmicas. O comando da expedição

72. [...] *Desejavam mais roubar que combater, em vendo nos primeiros encontros alguns mouros por se em fugida, arremeteram a guarda da bagagem e roubaram tudo della o que acharam* (*Jornada del-rei D. Sebastião a África...*, 1978, p. 104).

73. Garcia-Arenal, (*Crónica de Almançor*, 1997, p. 105). A data é ainda um dado incerto. A principal fonte sobre a campanha militar do Songhay é a *Relacion de l'Anonime Espagnol* atribuída a Baltazar Polo (Corral Jam, 2000, p. 77).

veterans. Djoudar also had "mil e quinientas lanças alarves, buena gente", and "setenta Cristianos de los captivos del rey, con sus escopetas" (Corral Jam, 2000, p. 467) – certainly from the more restricted corps of the sultan's own guard.

The combat array took into consideration both the topography and the enemy's numerical superiority. Djoudar took advantage of the proximity of the Niger River, which he "tomo por espaldas [...] porque los enemigos no le pudiesem rodear" (Corral Jam, 2000, p. 462). He deployed two esquadrões on the vanguard, the "Renegados a mano derecha, y a los Andaluces la izquierda" (Corral Jam, 2000, p. 462). The *pasha*'s command post was on the centre, *con la demás gente* (Corral Jam, 2000, p. 462): the "setenta Cristianos de los captivos del rey, con sus escopetas", a selected contingent of cavalry and, probably, the artillery. The baggage was left on the rear, and "mucha parte de la cabaleria por guarda". The chroniclers of the battle do not mention the position of the *sipahis*, but considering the examples from other battles – oued Derna, Ar-Rukn, Ksar el-Kebir –, they were probably deployed on the vanguard.

Mars al-Ramad (November 14th)[74] 1606 [75]

The civil war that followed the death of al-Mansur in August 1603 (Garcia-Arenal, 2009, p. 137) disintegrated the kingdom. The *xarife*'s three sons, Mawlay Abd Allah Abu Faris (*Mulei Buferes*), Mawlay Zidan (*Mulei Zidão*) and Mawlay al-Shaykh (*Muley Abdala*, *Mulei Xeque*) (*Crónica de Almançor*, 1997, p. 721), were the protagonists of the first phase. This initial cycle was closed by the battle of al-Ramad, in 1606, between the forces of *Mulei Buferes* and *Muley Abdala*.

Mulei Buferes fielded 12 000 infantry soldiers, "la mayor parte soldados viejos", 4 000 *lança e adarga* (Henin, 1997, p. 55) horse and 15 cannons. The army of *Muley Abdala* was less numerous, with 5 000 foot, 1 000 horse and 16 cannons, but included 180 European mercenaries – curiously enough, Henin speaks of *corsairs* – *ingleses, flamencos y franceses* (Henin, 1997, p. 56). Infantry was now predominant over the mounted troops and both adversaries were assisted by *renegade* officers.

Mulei Buferes's troops, which totalled some 16 000 soldiers, were deployed in a three-line formation. The vanguard was under the command of *alcaide Hamete ben Mansor Corito*, the *batalha* was commanded by the Tondibi veteran *pasha* Djoudar and the rearguard was under the command of *pasha* Suleiman[76]. *Mulei Buferes* was situated between the two last lines, accompanied by his guard, under the command of *alcaide Ali*

74. Henin, 1997, p. 56.

75. *Conflict and conquest in the Islamic World*, 2011, p. 601.

76. Another *renegado* was Spanish, born in Cordoba (Mendonça, 1904, vol.2, p. 79).

foi entregue ao *pasha* Djoudar, andaluz, com outros dez oficiais dos quais quatro eram *renegados* (Es-Sadi, 1981) – um destes *alcaides* era Mahamet Zarco, comandante influente no desfecho vitorioso em Alcácer Quibir (*Crónica de Almançor*, 1997, p. 165).

O efectivo era relativamente escasso, cerca de 5 000 homens, fora o pessoal auxiliar, "otros mil hombres que llebaban de servicio" (Corral Jam, 2000, p. 467). Tratava-se de soldados da *makhazania*, "Dos mill atiradores de a pie, elches y andaluces y moros de de nacion de los principales que el tiene, Quinientos escopeteros de a caballo, les mejores de aquí" (Corral Jam, 2000, p. 467), e muitos deles seriam veteranos de Alcácer. Djouder contava ainda com "mil e quinientas lanças alarves, buena gente", e "setenta Cristianos de los captivos del rey, con sus escopetas" (Corral Jam, 2000, p. 467) – certamente do corpo mais restrito da guarda pessoal do sultão.

O dispositivo de combate levou em consideração a superioridade numérica do inimigo e a topografia. Djoudar aproveitou a proximidade do rio Niger, que "tomo por espaldas [...] porque los enemigos no le pudiesem rodear" (Corral Jam, 2000, p. 462). Na *vanguarda* colocou dois *esquadrões*, os "Renegados a mano derecha, y a los Andaluces la izquierda" (Corral Jam, 2000, p. 462) O *pasha* fez o seu posto de comando no meio, *con la demás gente* (Corral Jam, 2000, p. 462) – os cerca de "setenta Cristianos de los captivos del rey, con sus escopetas", um contingente escolhido de cavalaria e, provavelmente, a artilharia. A bagagem ficou na retaguarda, e "mucha parte de la cabaleria por guarda". Os cronistas da batalha omitiram a posição dos *sipahis*, mas se atendermos à prática noutras batalhas – oued Derna, Ar-Rukn, Alcácer Quibir – devem ter sido desdobrados pela vanguarda.

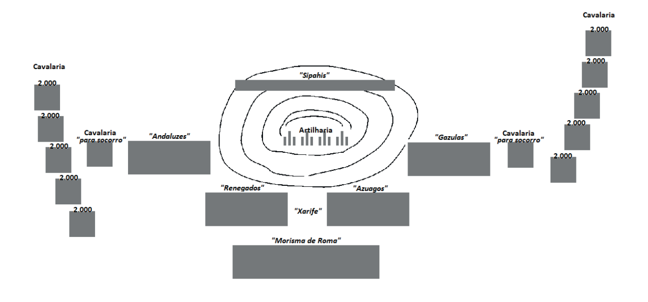
Mars al-Ramad (14 Novembro)[74] 1606[75]

A guerra civil que se seguiu à morte de al-Mansor em Agosto 1603 (Garcia-Arenal, 2009, p. 137) desintegrou o reino. A primeira fase foi protagonizada pelos três filhos do *xarife*, Mawlay Abd Allah Abu Faris (*Mulei Buferes*), Mawlay Zidan (*Mulei Zidão*) e Mawlay al-Shaykh (*Muley Abdala, Mulei Xeque*) (*Crónica de Almançor*, 1997, p. 721). A batalha de al-Ramad, que em 1606 colocou frente a frente *Mulei Buferes* com *Muley Abdala*, fechou este ciclo inicial.

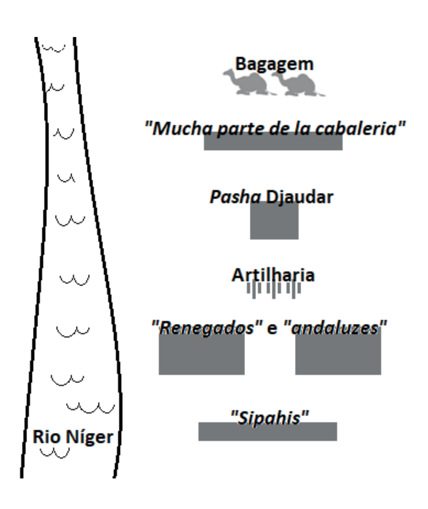
Mulei Buferes trazia 12 000 soldados de infantaria, "la mayor parte soldados viejos", 4 000 cavalos de *lança e adarga* (Henin, 1997, p. 55), e 15 canhões. O exército de *Muley Abdala* era menos numeroso, com 5 000 homens a pé, 1 000 cavalairos e 16 canhões, mas contava com 180 mercenários – é curioso notar que Henin fala em *corsarios* europeus – *ingleses, flamencos y franceses*

74. Henin, 1997, p. 56.

75. *Conflict and conquest in the Islamic World*, 2011, p. 601.



20. Ordem de batalha sádida em Alcácer Quibir.
Saadi battle array at Ksar el-Kebir.



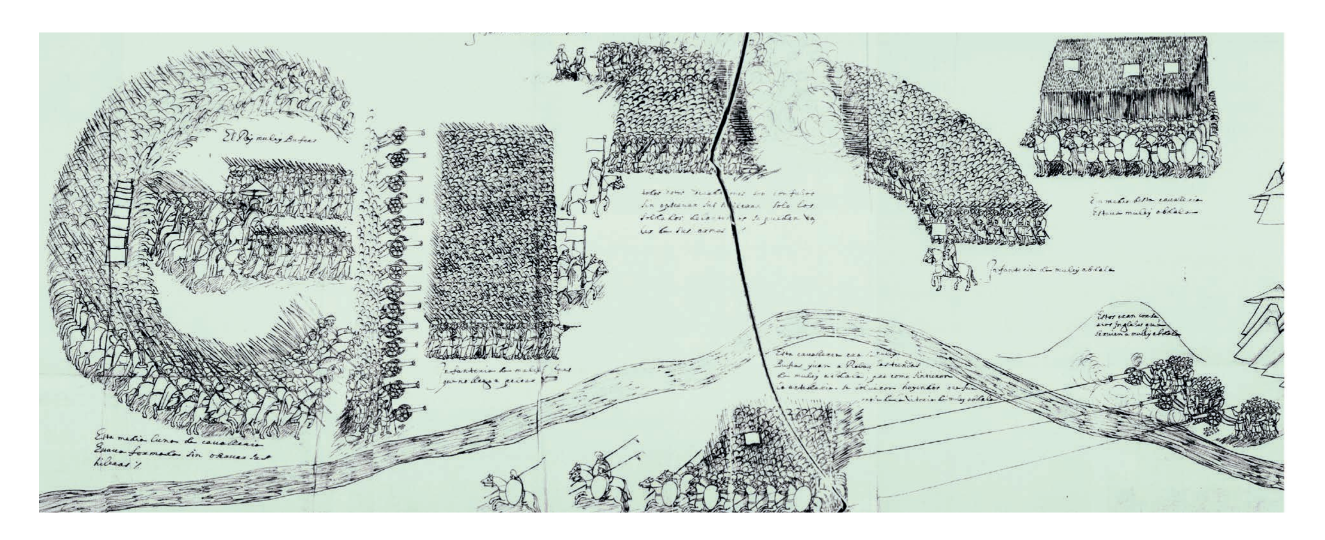
21. Batalha de Tondibi (1591).
Battle of Tondibi (1591).

Zarcón Malloquín[77]. The artillery was deployed on the rearguard of the *batalha* and was supposed to deliver impromptu fire between the ranks of the front-line soldiers, which didn't actually happen[78]. Another interesting fact is the corps of 1 000 cavalrymen that was meant to flank the enemy lines and fall upon the baggage; this manoeuvre also did not work, due to the fire from the enemy cannon, manned by the European.

The left side of *Muley Abdala*'s army rested on "un gran arroyo de àgua" (Henin, 1997, p. 56), in order to protect the flanks and avoid being surrounded. This battle array was much different from the one adopted by *Mulei Buferes* and much simpler. It consisted of two *esquadrões*, the first with the infantry under the command of *alcaides* Hamu ben Seleme (*Crónica de Almançor*, 1997, p. 99) and Ali Titauni (Henin, 1997, p. 57), while the cavalry was commanded by *alcaide Abdala Ras;* the artillery and the Christians were under the command of *alcaide Rageb, leonês renegado* (Henin, 1997, p. 57). Against all expectations, *Abdala* prevailed.

77. Henin, 1997, p. 56. This could be Mamet Zarcan (*Crónica de Alamçor*, 1997, p. 720).

78. [...] *Los soldados no supieron guardar ni observar el orden: se metieron todos delante de la artillería y muy cerrados, de manera que* [the artillery] *no fué de provecho* (Henin, 1997, p. 56).



22. Batalha de Mars al-Ramad (14 de Novembro de 1606), Jorge de Henin, *Descripción* (1614), BNE, segundo desenho.
Battle of Mars al-Ramad (November 14th 1606), Jorge de Henin, *Descripción* (1614), BNE, second drawing.

(Henin, 1997, p. 56). Predominava agora a infantaria sobre o efectivo montado, e os dois adversários eram coadjuvados por oficiais *renegados*.

As tropas de *Mulei Buferes*, cujo efectivo rondava os 16 000 sodados, adoptaram uma formatura em três linhas distintas. A vanguarda era comandada pelo *alcaide Hamete ben Mansor Corito, a batalha* pelo veterano de Tondibi *pasha* Djaudar, e a retaguarda pelo *pasha* Solimão[76]; *Mulei Buferes* seguia entre as duas últimas linhas, acompanhado pela sua guarda às ordens do *alcaide Ali Zarcón Malloquín*[77]. A artilharia ficou na retaguarda da *batalha*, e deveria disparar de improviso através das fileiras dos soldados na frente, o que de facto não aconteceu[78]. Outro dado interessante é o corpo de 1 000 cavaleiros que deveria flanquear as linhas inimigas e cair sobre a bagagem; esta movimentação também não resultou devido ao fogo dos canhões inimigos, servidos pelos europeus.

O exército de *Muley Abdala* encostou o lado esquerdo a "un gran arroyo de àgua" (Henin, 1997, p. 56), com a intenção de proteger os flancos e evitar o cerco. O dispositivo era muito diferente do de *Mulei Buferes* e bastante mais simples. Compunha-se de dois esquadrões, o primeiro com a infantaria às ordens dos *alcaides* Hamu bem Seleme (*Crónica de Almançor*, 1997, p. 99) e Ali Titauni (Henin, 1997, p. 57), e a cavalaria comandada pelo *alcaide Abdala Ras;* a artilharia e o os cristãos pelo *alcaide Rageb, leonês renegado* (Henin, 1997, p. 57). Contrariando as expectativas, foi *Abdala* quem levou a melhor.

76. Outro *renegado* era espanhol, natural de Córdova (Mendonça, 1904, v. 2, p. 79).

77. Henin, 1997, p. 56. Talvez seja Mamet Zarcan (*Crónica de Alamçor*, 1997, p. 720).

78. [...] *Los soldados no supieron guardar ni observar el orden: se metieron todos delante de la artillería y muy cerrados, de manera que* [a artilharia] *no fué de provecho* (Henin, 1997, p. 56).

CONCLUSION

"[...] In many respects, Morocco's entire sixteenth century was a prolonged military revolution [...]" (Cook Jr., 1994)*;* the lengthy rise of the Saadi, from the first quarter of the 16th century onwards, was accompanied by the progressive introduction of new means and methods of warfare, which, after all, transforms the *revolution* into the notion of *evolution*. The use of firearms proliferated among the Moroccan populations; the weapons were introduced in the country in various ways, from illegal sales to the arrival of the *andaluzes*, who brought along the European technological novelties, and to the *renegados*' entry into service. And even if the Ottomans played a doubtful part, mainly when their westward progress in the Mediterranean clashed with the autonomous living of the peoples from the occidental extremity of the Maghreb, the influence of a victorious military battlefield practice was naturally adopted – and adapted.

The battles analysed herein share some common elements with what is referred to as the *classic* Ottoman array. The chroniclers offer the most obvious filiation, as they unanimously assess the origins of the *ordem turquesca* associated to the *lunada* or half-moon formation. This was the battle array of the Saadi army in the battles of Ar-Rukn and Khaynuqa-r-Rayhan, Alcácer Quibir and Mars al-Ramad: a linear array with the flanks reinforced by troop formations situated in advanced positions, as can be seen on the Ottoman miniatures of the battles of Mohács (1526) and Mezőkeresztes (1596); hence the confusion when referring to several lines and, at the same time, to the semicircular form.

The creation of a core of permanent troops – the *makhazania* –, salaried, experienced and equipped with modern weaponry is yet another example of the Ottoman influence in the Saadi armies. Besides, the more militarily effective troops, the *andaluzes* and

CONCLUSÃO

"[...] In many respects, Morrocco's entire sixteenth century was a prolonged military revolution [...]" (Cook Jr., 1994)*;* a longa ascensão dos Sádidas, desde o primeiro quartel do século XVI, foi acompanhada pela progressiva introdução de novos meios e métodos de fazer a guerra, o que, afinal, transforma a *revolução* na noção de *evolução*. Proliferaram as armas de fogo entre as populações de Marrocos, introduzidas no país por diversas vias desde a venda ilegal ou a chegada dos *andaluzes*, que trazem as novidades tecnológicas da Europa, e a entrada ao serviço de *renegados*. E mesmo que os otomanos tenham desempenhado um papel equívoco, sobretudo quando a progressão pelo Mediterrâneo entrou em conflito com a vivência autónoma dos povos da ponta ocidental do Magrebe, a influência de uma prática militar vitoriosa no campo de batalha foi naturalmente adoptada – e adaptada.

As batalhas que se analisaram têm elementos comuns com o que se designa por dispositivo *clássico* otomano. A filiação mais óbvia colhe-se nos cronistas, unânimes ao avaliar a origem da *ordem turquesca* que associam à formatura *lunada*. Esta é configuração do exército sádida nas batalhas de Ar-Rukn e Khaynuqa-r-Rayhan, Alcácer Quibir e Mars al-Ramad. Trata-se de um dispositivo linear cujos flancos são reforçados com formações de tropas em posição mais avançada, como podemos ver nas iluminuras otomanas da batalha de Mohács (1526) e de Mezőkeresztes (1596); e daí a frequente confusão quando se fala em várias linhas e, ao mesmo tempo, da forma semi-circular.

A criação de um núcleo de tropas permanentes – a *makhazania* – pagas, experimentadas, e equipadas com as armas modernas, é outro reflexo da influência otomana nos exércitos sádidas. Também as tropas mais militarmente mais competentes, os *andaluzes*, mas sobretudo os *renegados* cristãos, se podem equiparar aos *yeniçeri* de origem europeia. A própria evolução do contingente militar sádida atribui um peso crescente às tropas apeadas: a realidade da época de es-Shaiq é, de facto, bem diversa do tempo da expedição ao Songhai.

Mas se a principal força do exército sádida residia na *makhazania*, era também aqui que residia a sua maior debilidade. Os soldados oriundos do Norte de África asseguravam uma lealdade muito limitada; as tensões eram constantes, sobretudo devido à crescente preponderância dos *renegados* e *turcos* sobre os restantes contingentes. Porém, foi a desintegração dos recursos militares numa miríade de batalhas que consumiu e minou qualquer possibilidade de reconstrução do *estado sádida* (Cook Jr., 1994).

particularly the Christian *renegados*, are equitable to the *yeniçeri* of European origin. The evolution of the Saadi military contingent attributes a growing relevance to the foot soldiers: the reality from the times of ash-*Sheikh* is very different indeed from the times of the Songhai expedition.

But if the main force of the Saadi army was the *makhazania*, then it was also its greatest weakness. The loyalty of the North African soldiers was very limited; tensions were a constant, mostly due to the growing preponderance of the *renegados* and *turcos* over the other contingents. However, it was the disintegration of the military resources over a myriad of battles that consumed and undermined any possibilities of reconstructing the *Saadi state* (Cook Jr., 1994).

BIBLIOGRAFIA BIBLIOGRAPHY

ABUN-NASR, *Jamil M.* (1987) – *A History of the Maghrib in the Islamic Period*. Cambridge: Cambridge University Press.

ÁGOSTON, Gábor (2005) – *Guns for the Sultan. Military Power and the Weapons Industry in the Ottoman Empire*. Cambridge: Cambridge University Press.

AKSAN, Virginia (1999) – Ottoman War and Warfare. In BLACK, Jeremy, ed., *War in the Early Modern World 1450-1815"*, Exeter: UCL. p. 147-175.

ANTOCHE, Emanuel Constantin (2004) – Les expeditions de Nicopolis (1396) et de Varna (1444): une comparaison. *Annals of the University «Dunărea de Jos»*, t. III, fasc. 19. Galați: UDJ, p. 47-78.

ANDRADA, Miguel Leitão de (1993) – *Miscelânia*. Lisboa: INCM.

Anónimo (1987) – *Crónica do xarife Mulei Mahamet e d´el-Rei D. Sebastião*. Rio de Mouro: Europress.

Anónimo (2004) – *Jornada de África del Rei D. Sebastião Escrita por um Homem Africano*. Lisboa: Livro Aberto.

Anónimo (1978) – *Jornada del-rei dom Sebastião a África/Crónica de dom Henrique*. Lisboa: INCM.

Anónimo (1905) – *Relacion de le capitfe italien*. In CASTRIES, H., ed., *S.I.H.M.* 1.ª série, França, t. 1. Paris: Ernest Ledoux, p. 662-669.

Anónimo (1905) – *Relação do captivo português*. In CASTRIES, H., ed., *S.I.H.M.*, 1.ª série, França, t. 1. Paris: Ernest Ledoux, p. 654-60.

Anónimo (1904) – *Lettre d'un Medecin Juif a son Frére*. In CASTRIES, H., ed., *S.I.H.M.*, 1.ª série, Inglaterra, t. 1. Paris: Ernest Ledoux, p. 312-21.

AUBIGNÉ, Agripa (1905) – *Relacion de Agripa D'Aubigné*. In CASTRIES, H., ed., *S.I.H.M.*, 1.ª série, França, t. 1. Paris: Ernest Ledoux, p. 628-48.

BERTHIER, Pierre (1984) – *La bataille de l'oued El-Makkazem, ditte battaile des trois Róis (4 Aout 1578)*. Paris: CNRS.

BOVILL, E. W. (1968) – *The Golden Trade of the Moors*. Londres: Oxford Press.

BRAUDEL, Fernand (1995) – *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Filipe II*, v. 2. Lisboa: D. Quixote.

CASTRIES, Henri de (1923) – *La conquête du Soudan par el Mansour (1591)*. *Hespéris*, t. 3. Casablanca: FLSH.

CONESTAGGIO, Jeronimo de Franchi (2017) – *História da União de Portugal à Coroa de Castela*. Lisboa: Althum.com.

COOK JR., Weston F. (1994) – *The Hundred Years War for Morocco: Gunpowder and the Military Revolution in Early Modern Muslim World*. Boulder: Westview Press.

CORRAL JAM, José (2000) – *Ciudades de las Caravanas, Itenerarios de Arquitectura Antigua de Mauritania 1978-1981*. Granada: Fundación el legado Andalusí.

CRUZ, Frei Bernardo (1903) – *Chronica D'El Rei D. Sebastião*. Lisboa: Scriptorio.

DZUBINSKY, A. (1972) – L'Armee et la flotte de guerre marocaines á l'époque de lees sultans de la dynastie saadienne. *Hesperis-Tamuda*, v. XIII. Casablanca: FLSH.

EL-OUFRANI, Mohammed Esseghir (1889) – *Nozhet-Elhâdi. Histoire de la Dynastie Saadienne au Maroc (1511-1670)*. Paris: Ernest Ledoux.

ES-SA'DI, *Abderrahman Ben Abdallah Ben* (1981) – *Tarikh Es-Soudan*. Paris: E. Leroux.

FAGNAN, E. (1924) – *Extraits inédites relatifs du Maghreb*. Argel: Jules Carbonel.

FARINHA, Dias (1983) – *Os Xarifes de Marrocos*. Lisboa: Estampa.

FARINHA, Dias (1999) – *Os Portugueses em Marrocos*. Lisboa: Instituto Camões.

GARCÍA-ARENAL, Mercedes (1984) – Los andalusíes en el ejército sa'di: un intento de golpe de estado contra Ahmad al-mansur al-dahabi (1578). *Al-AQantara*, v. 5. Madrid: CSIC.

GARCIA-ARENAL, Mercedes (1988) – Vidas ejemplares: Sa'id Ibn Faray al-Dugali, (m. 987/1579), un granadino en Marruecos. In GARCÍA--ARENAL, M.; VIGUERA, M., eds., *Relaciones de la Península Ibérica com el Magreb siglos XIII-XVI*, Actas del Coloquio. Madrid: IHAC.

GARCIA-ARENAL, Mercedes (2009) – *Ahmad al-Mansur. The Begginings of Modern Morocco.* Oxford: Oneworld.

HEATH, Ian (1984) – *Armies of the Middle Ages*, v. 2. Sussex: WRG.

HENIN, Jorge de (1997) – *Descripción de los reinos de Marruecos*, Casablanca, IEA.

HESS, Andrew C. (1978) – *The forgotten Frontier. A History of the sixteenth-Century Ibero-African Frontier*. Chicago: University Press of Chicago.

KHALDUN, Ibn (1967) – *The Muqaddimah*, v. 2. London: Routledge.

L'Art des chevaleires en pays d'Islam. Collection de la Furusiyya Foudation (2007) – Milano: Skira.

LOPES, David (s/d) *A expansão em Marrocos*. Lisboa: Caminho.

MÁRMOL CARVAJAL, Luís de (1573) – *Primera parte de la Descripcion general de Affrica*. Granada: Rene Rabut.

MARSIGLI, Comte de (1732) – *L'Etat Militaire de l'Empire Ottoman*. Hague: Pietro Grosse.

MASCARENHAS, João (1993) – *Esclave à Alger*. Paris: Chandeigne.

MENDONÇA, Jerónimo de (1904) – *Jornada a África*, v. 1. Lisboa: Scriptorio.

MENESES, D. Duarte de (1905) – *Relação de D. Duarte de Meneses*. in CASTRIES ; H., *S.I.H.M.*, 1.ª série, t. 1. Paris: Ernest Ledoux, p. 649-53.

MURPHEY, Roads (1999) – *Ottoman Warfare 1500-1700.* London: UCL Press.

NICOLAY, Nicolas de (2015) – *Les quatre premiers livres dês navigations et pérégrinations orientales*. France: Editons Chapitre.com.

NICOLLE, David (2001) – *The Moors and the Islamic West 7th-15th Centuries AD*. London: Osprey.

NICOLLE, David (1995) – *The Janissaries*. London: Osprey.

NICOLLE, David (1983) – *Armies of the Ottoman Turks 1300-1774*. London: Osprey.

NIETTO, frei Luís (1905) – *Relación de las guerras de Berbéria e del sucesso y muerte del Rey D. Sebastián*, In CASTRIES, H., ed., *S.I.H.M.* 1.ª série, França, t. 1. Paris: Ernest Ledoux, p. 437-505.

OLIVEIRA, Vítor Amaral de (2002) – *Sebástica, Bibliografia Geral sobre D. Sebastião*. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade.

OMAN, Charles (1991) – *Art of War in the Middle Ages*, v. 2 (1278--1485). London: Greenhill Books.

OMAN, Charles (1987) – *Art of War in the sixteen Century*. London: Greenhill.

OXEDA, Luís de (1905) – *Relacion de la batalia de el-Ksar el Kebir*, in *Les sources inédites pour l'histoire du Maroc,* In CASTRIES, H., ed., *S.I.H.M.* 1.ª série, França, t. 1. Paris: Ernest Ledoux, p. 575-627.

PLUMMER III, Comer 82015) – *The roads to Ruin. The War for Morocco in the Sixteenth Century*. Wroclaw: Lulu.

RAINERO, R. (1966) – La Bataille de Tondibi et la Conquête Marocaine de l'Empire Songhay. *Geneva-Africa*, v. 5, n.º 2. Paris: La Haye, p. 217-47.

RODRIGUEZ AMAYA, Esteban (1948) – *Una Relación Desconocida de la Expedición á Africa Del Rey Don Sebastián*. Lisboa: Bertrand.

SALDANHA, António (1997) – *Crónica de Almançor*. Lisboa: IICT.

SMITH, Robert S. (1976) – *Warfare and Diplomacy in Pre-Colonial West Africa*. Norwich: Methuen & Co.

SOUSA, Luís Costa e (2008) – *A Arte na Guerra. A Arquitectura dos Campos de Batalha no Portugal de Quinhentos*. Lisboa: Tribuna.

SOUSA, Luís Costa e (2009) – *Alcácer Quibir 1578. Visão ou Delírio de um Rei?* Lisboa: Tribuna.

SOUSA, Luís Costa e (2017) – Revisitar a Batalha de Alcácer Quibir. *E-Strategica,* nº 1. Murcia: AIHM.

TORRES, Diego (1984) – *Relación del Origen y sucesso de los Xarifes y del estado de los Reinos de Marruecos, Fez y Tarudante*. Madrid: Siglo Veintiuno.

TERRASSE, Henri (1950) – *Histoire du Maroc*. Casablanca: Éditions Atlantides.

THORNTON, John K. (1999) – *Warfare in Atlantic Africa 1500-1800*. London: UCL.

UYAR, Mesut and ERICKSON, Edward J. (2009) – *A Military history of the Ottomans. From Osman to Atatürk*. Santa Barbara, ABC-CLIO.

VALENSI, Lucette (1996) – *Fábulas de Memória: a gloriosa batalha dos 3 reis*. Porto: Asa.

VECELLI, Cesare (2008) – *The Clothing of the Renaissance World*. London: Thames and Hudson.

VELOSO, Queirós (1945) – *D. Sebastião 1554-1578*. Lisboa: E. N. P.

YAHYA, Dahiru (1981) – *Morocco in the sixteenth Century: Problems and Patterns in African Foreign Policy*. Bristol: Humanities Press.